

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA GEOGRAFIA DA REGIÃO SUDOESTE DA BAHIA *

Prof. ALFREDO JOSÉ PÔRTO DOMINGUES
Geógrafo do C. N. G.

Neste relatório apresentamos as conclusões geográficas de nossas viagens pela região sudoeste da Bahia. Conjuntamente apresentamos aqui informações fornecidas pelo Eng.º GILVANDRO SIMAS PEREIRA, chefe da expedição, ao qual deixamos lavrados neste relatório os nossos sinceros agradecimentos. **

A região por nós ora estudada está limitada ao norte pelo paralelo de 13º25' e ao sul pelos rios Carinhanha, São Francisco, Verde Grande, Verde Pequeno, por onde passa a linha divisória entre o Estado da Bahia e o de Minas Gerais.

A leste é limitada aproximadamente pelo meridiano de 42º15' e a oeste pelo divisor de águas dos afluentes do São Francisco e os do Tocantins, linha esta que serve de limite com o Estado de Goiás.

Esta região é cortada no seu sentido sul-norte aproximadamente pelo vale do rio São Francisco, que se individualiza como uma zona caracterizada pelo rio e pelas grandes planuras que se estendem em uma e em outra margem.

Caminhando do rio São Francisco para oeste, atingimos após uma escarpa uma região alta de relêvo tabular a zona da Grande Chapada.

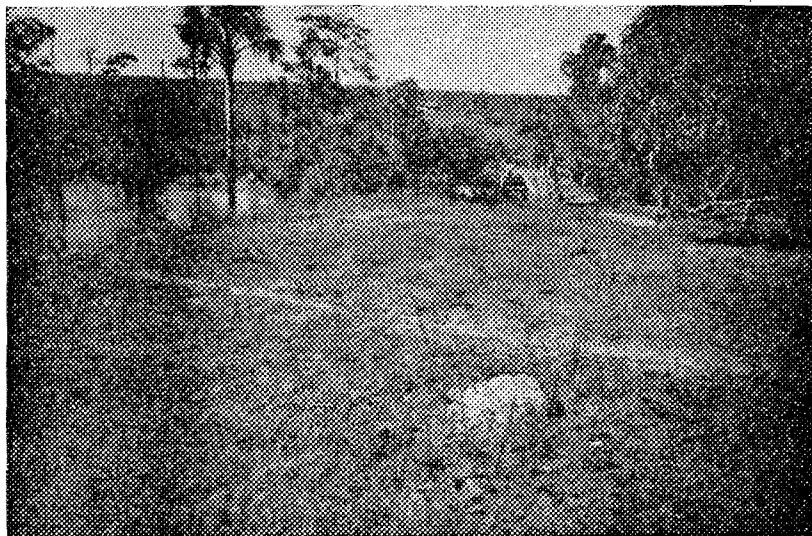


Fig. 1 — Margem do rio Formoso (lugar Rodeador). Ponte na estrada de rodagem Januária-São Domingos. Vê-se em primeiro plano uma pequena savana.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

* Uma parte do presente trabalho já foi utilizada no relatório do chefe da expedição, Eng.º Gilvandro Simas Pereira, em "Expedição ao Sudoeste da Bahia", publicado no n.º 4, ano VIII, desta REVISTA. Recomendamos a leitura deste interessante trabalho.

** As observações feitas aqui foram colhidas no próprio local pelo autor, com exceção de algumas concernentes à zona do Chapadão que foram fornecidas pelo Eng.º Gilvandro Simas Pereira.

Seguindo na direção geral leste, após a grande planura, chegamos a uma faixa em que se erguem as primeiras elevações da serra do Espinhaço, que apresentam formas as mais variadas: morros cônicos, pequenos maciços arredondados, serras alongadas e uma chapada, que da parte mediana para o sul, no sentido SSE-NNO, serve de limite natural com a zona do vale do São Francisco. A esta zona denominamos de "Contrafortes", na falta de um termo mais adequado.

Penetrando mais ainda para leste, atinge-se finalmente a zona serrana pròpriamente dita. Ergue-se a serra, uma grande muralha que se levanta altaneira aos olhos maravilhados do viajante. Não são mais aquelas formas de relêvo da planura solitária; surge uma verdadeira serra que é o primeiro ramo do Espinhaço. A tal zona denominamos zona do Espinhaço.



Fig. 2 — Ponte sôbre o rio Carinhanha (estrada Cocos-Januária). Vê-se um morador do lugar negociando com os viajantes.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

Tal diversidade de aspectos, levando em consideração o fator posição relativa da zona, deu como resultado as possibilidades maiores ou menores da área ora estudada. O homem, adaptando-se a estas possibilidades, originou tipos diversos.

Quanto ao clima, a região apresenta um regime de temperatura bastante uniforme. A temperatura alcança o máximo entre setembro e outubro, quando é forte a estabilidade da estação sêca e cai a um mínimo, entre janeiro e fevereiro quando temos as chuvas. Em maio observa-se um novo reaquecimento e a temperatura cai novamente em junho. Apresenta, pois, a região dois máximos em março e outubro e dois mínimos em janeiro e junho perfeitamente distintos.

O regime de chuvas é caracterizado por apresentar uma única estação chuvosa de novembro a fevereiro; é, pois, um regime de chuvas

de verão. Esta época das chuvas é denominada pelos naturais de “inverno” contrastando com a outra cognominada “verão” em que não há chuvas.

A primeira chuva cai aproximadamente nos meados de setembro e é denominada “chuva do caju”.

O inverno é muito seco, tendo como nuvens típicas os cúmulos que se sucedem no céu produzindo um aspecto magnífico. Estas nuvens são impelidas pelos ventos de leste. Na zona elevada de Caitité verificamos que em agosto costuma cair uma chuva do tipo garoa se bem que raramente. Tal fato deve, sem dúvida, estar ligado à altitude que

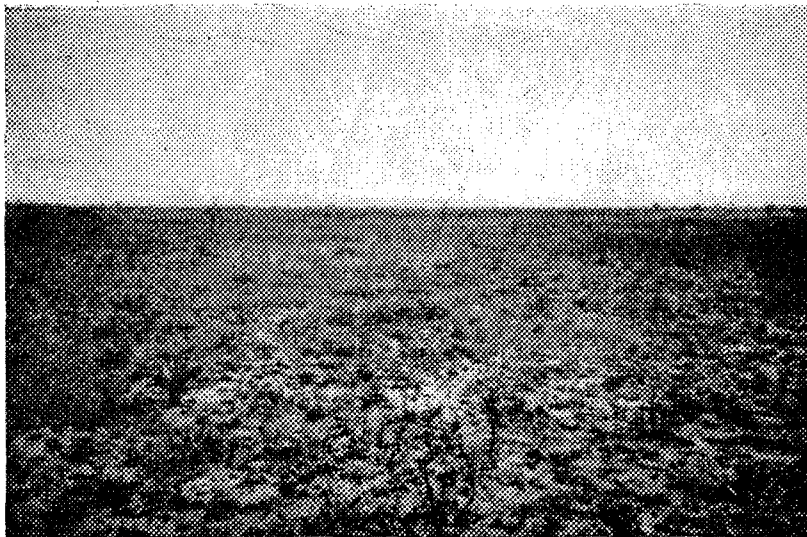


Fig. 3 — Savana entre os rios Carinhanha e Itaguari, vendo-se a predominância da vegetação rasteira.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

nas redondezas atinge a 1 000 metros. Esta mesma altitude é responsável por um outro fenômeno: o nevoeiro. Aquêl pequeno máximo em agosto é entretanto quase sem expressão. Os cúmulos se tornam muito numerosos na época em que no litoral ocorrem muitas chuvas; constituem êles testemunhos de perturbações da costa que impelidos pelos alíseos demandam aos Andes. É durante os meses de junho, julho, agosto e setembro que encontramos em abundância êste tipo de nuvem. Em setembro, os cúmulos convertem-se em cúmulos-nimbos que dão lugar aos nimbos. Esta nova modificação verifica-se nos meses de outubro e novembro quando começam as chuvas, período que os naturais denominam de “inverno”.

A grande chapada

A oeste da região estudada encontramos uma zona cujo relêvo apresenta uma feição tabular e um grande planalto com inclinações tão suaves que lhe dão um aspecto de mesa. O solo é constituído de arenito (arenito Urucuia) e graças a êle é que pode aí conservar-se

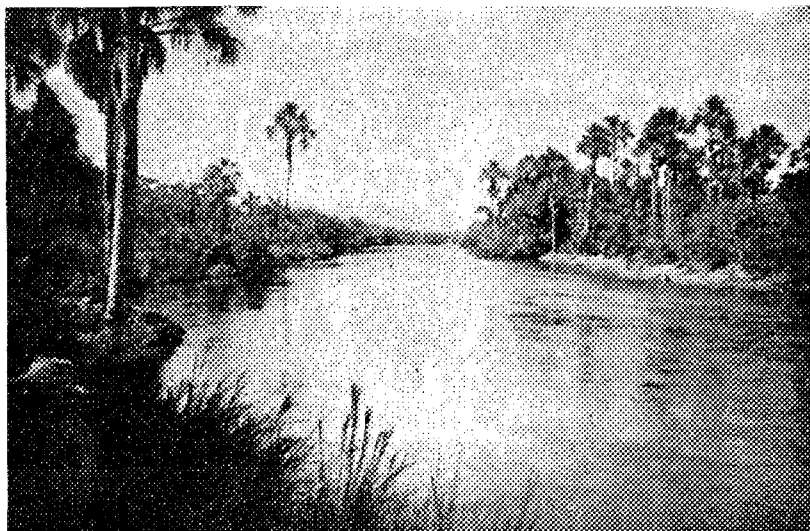


Fig. 4 — Rio Carinhanha, próximo ao lugar Bargada, vendo-se o buritizal tão característico dos rios do chapadão arenoso da formação Urucuia

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

grande quantidade d'água. Por isso temos aí uma rede hidrográfica perene muito ramificada. Os rios desta rede não secam, a não ser excepcionalmente, um dos menores, isto por causa dos vastos reservatórios, que tornam os seus mananciais quase que inesgotáveis, os quais pertencem à formação Urucuia.

Este relêvo tabular é uma simples consequência da estrutura geológica. O arenito apresenta-se com os seus estratos praticamente horizontais; sofrendo o ataque dos agentes do intemperismo, fica protrusa esta formação, pois ela resiste mais enquanto as outras rochas não

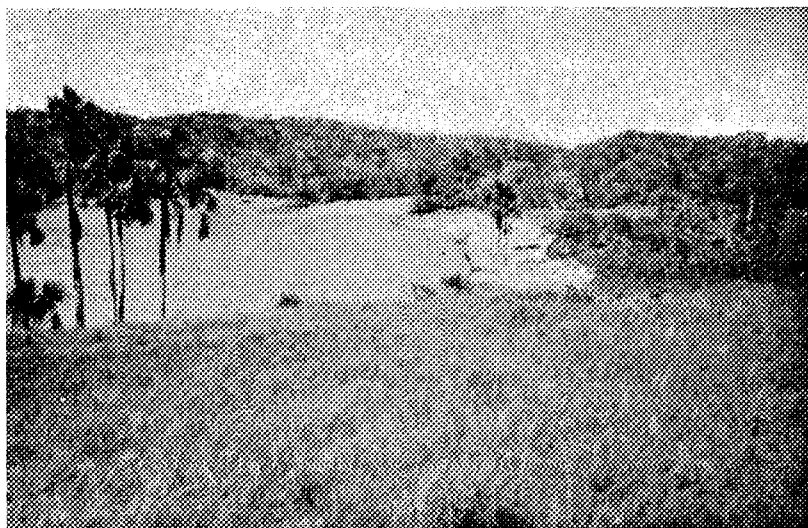


Fig. 5 — Rio Carinhanha, próximo ao lugar Bargada.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

resistindo são mais facilmente erodidas. Destarte apresenta esta região este fácies tão característico. Outras rochas como as graníticas de Correntina geram formas arredondadas (colinas arredondadas); o calcáreo da região, entretanto, em virtude de se apresentar quase que horizontal, gera tabuleiros.

É a chapada arenítica que dá o traço característico à zona ora estudada; ela traz inerente em si a imensidão e com isso a monotonia da paisagem. Esta paisagem ao mesmo tempo que embriaga e fascina leva à exasperação o indivíduo que não é afeito a este tipo de vida, quando se acha no meio da chapada.

Aí os rios, escavando o seu leito, talharam profundamente os seus vales.

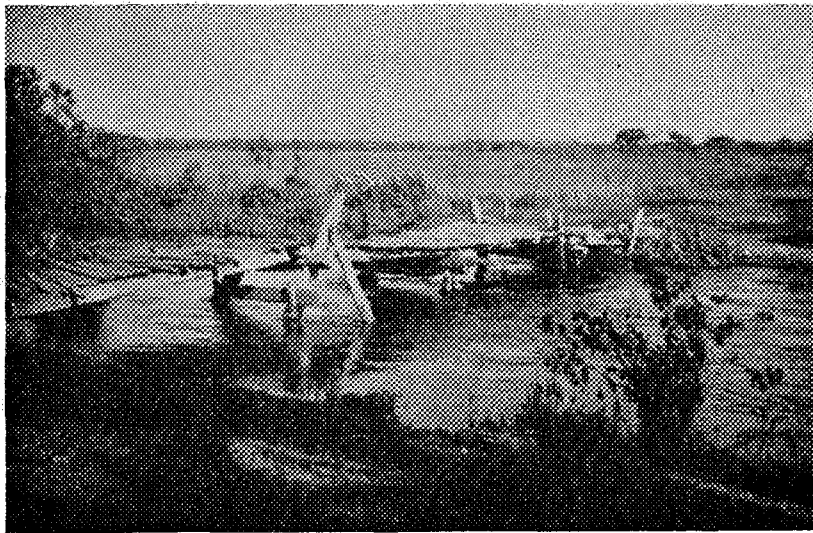


Fig. 6 — Ponte do Gustavo sobre o rio Itaguari. Estrada Januária-Posse.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

Caminhando de jusante para montante vemos a princípio o vale largo, depois as elevações se aproximam pouco a pouco. Penetra-se na parte acidentada do seu curso. Neste ponto as escarpas de chapada estão muito próximas, surgem as cachoeiras algumas das quais bem poderiam ser aproveitadas para uma usina hidroelétrica; assim, por exemplo a cachoeira do rio Formoso, em Correntina, no rio das Águas, uma grande cachoeira quase dentro da cidade.

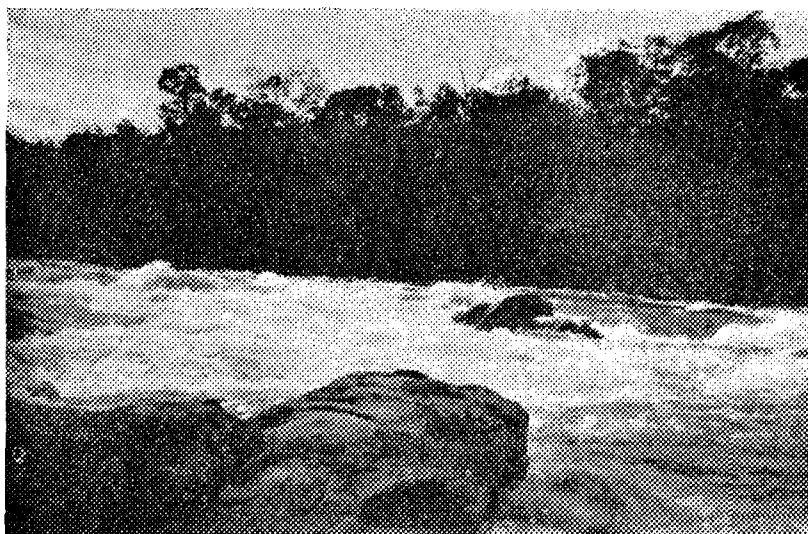
Esta zona encachoeirada é verificada mais ou menos no mesmo nível em todos os rios da zona. Quanto à forma do vale na parte média, pouco abaixo do trecho encachoeirado temos ora formas em V agudo, como no rio Formoso e Arrojado, ora como um profundo *cañion*, como no rio Guará e rio do Meio e assemelhando-se aos rios da região ao norte com os afluentes do rio Grande.* Na parte superior,

* Observações fornecidas pelo Eng.º Gilvandro Simas Pereira.

Fig. 7 — *Cachoeira Grande, no rio Formoso.*

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

acima das cachoeiras, o rio estabiliza o seu curso e corre muitas léguas sem que apresente um desnível muito acentuado. A escarpa apresenta-se insignificante próximo da última cachoeira e finalmente desaparece; as águas à proporção que se caminha para montante vão diminuindo, finalmente desaparecem e os vales se convertem em meros baixões onde não corre mais água. Estes rios na parte superior do seu curso e até depois das cachoeiras são denominados marimbus; apresentam como característica a presença da elegante palmeira buriti (*Mauritia vinifera*), a buritirana (*Bactris sp.*) e uma anomácea a pindaíba (*Xylopia grandiflora*) que emprestam aos brejos e aos marimbus um aspecto de destaque na paisagem. É interessante observar nesta zona que os rios correm mais ou menos paralelos, pois se adaptam a um

Fig. 8 — *Outro aspecto da cachoeira Grande*

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

sistema de diáclases que, na parte sul, é sudoeste-nordeste enquanto que ao norte orientam-se mais para o leste ficando OSO-ENE. Em outro relatório explicaremos isso.

A flora da zona ora considerada é mais ou menos uniforme, observando-se muito pequenas variações. E' constituída de campos cerrados os quais são conhecidos pelos naturais como "gerais". A sua flora apresenta numerosas espécies e são bem representadas: a mangabeira (*Hancornia sp.*) donde se extrai a borracha de mangaba, muitos representantes das mirtáceas, os araçás, e também, salientando-se pelo seu número a família das anacardiáceas como o cajui (*Anacardium*

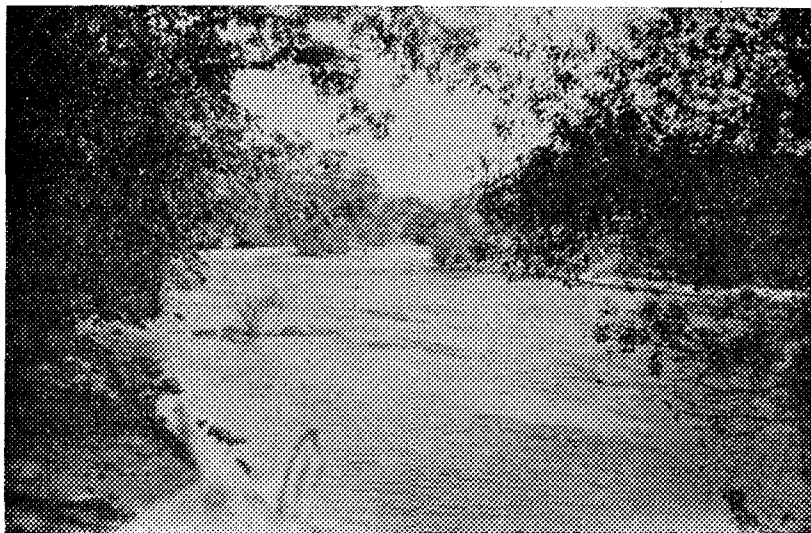


Fig. 9 — A última cachoeira do rio Formoso (a jusante da cachoeira Grande).
(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

humile). Encontra-se também aí grande número de muricis (*Byrsonima minarum*), a canela-de-ema (*Vellozia sp.*), o pau-d'arco (*Tecoma lchreuleuca*), o pau-de-sangue (*Pterocarpus Zehntneri*), o pau-de-terra (*Qualea parviflora*), o pau-para-tudo (*Sweetia dasycarpa*), o xixá (*Sterculia xixá*), o pau-santo (*Kielmeyera variabilis*). *

Como elementos de flora rasteira temos o tucum (*Astrocaryum arenarium*), o catolé (*Cocos comosa*) e gramíneas que se denominam agrestes e que nos parecem ser de várias espécies distribuídas pelos gêneros: *Andropogon*, *Aristida Paspalum*, *Sacciolepis Ichnanthus* e *Elionorus*. *

Algumas vêzes, êste cerrado apresenta os seus elementos mais aproximados, quase intransponível, é o chamado cerradão. Há a evolução para um outro tipo, as campinas; aí há o espaçamento entre os elementos arbóreos, as árvores ficam mais e mais raquíticas chegando quase a faltar. Tal tipo se pode ver entre as cabeceiras do

* Observações fornecidas pelo Eng.º Gilvandro Simas Pereira, topógrafos Sousa Dias e Moacir da Costa Dória.

rio Carinhanha, Formoso, do Meio, das Éguas e Grande.* Liga-se esta degradação dos campos cerrados em campinas à diminuição de umidade e à altitude.

A existência de um outro tipo de vegetação, com a presença de elementos das matas, está condicionada ao solo; aí o rio removeu o arenito completamente e escavou rochas graníticas o que deu como resultado um solo completamente diferente; assim ocorre nos vales do rio Formoso, Arrojado e das Éguas próximo às suas embocaduras no Corrente. Esta vegetação tem o aspecto pujante devido à grande riqueza d'água da região.

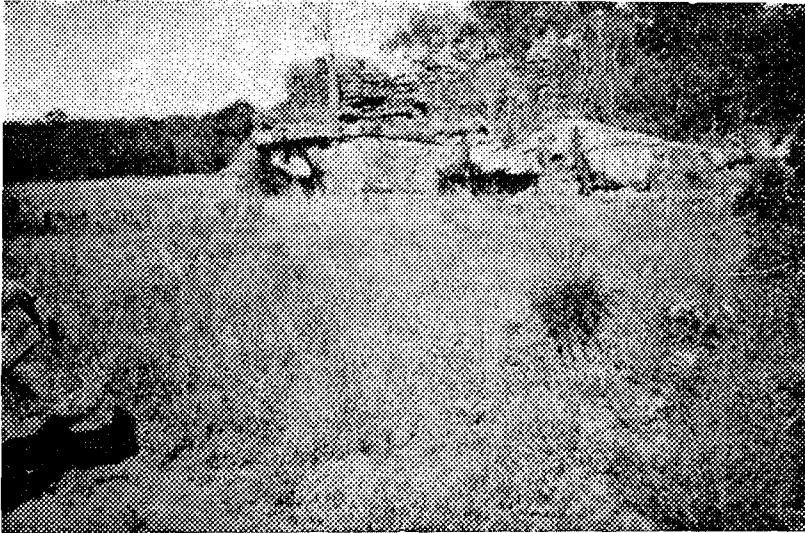


Fig. 10 — Calcáreo nos arredores de Agua Suja da série Bambuí, vendo-se as camadas praticamente horizontais.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

Algumas vezes, no meio do chapadão arenítico, encontramos uma mancha de uma vegetação com aspecto bambuíforme, que os naturais denominam “grameal” e cuja existência sem dúvida está ligada ao solo; a rocha ainda é o arenito, mas agora o cimento não é mais silicoso e sim argiloso.

Também na parte onde aflora o cristalino quando não encontra água, a vegetação toma o aspecto do grameal como tivemos ocasião de observar na baixa de Tiririca, município de Santa Maria da Vitória. Apresentam os arbustos a predominância de ramificações longitudinais e chegam a 3 metros de altura.

Quando se desce o chapadão arenítico para leste atinge-se um outro tipo de relêvo tabular, agora entretanto não tem a superfície completamente regular; surgem cavidades, sumidouros, agulhas que nada mais são do que o resultado da evolução da erosão cárstica. Estamos em rochas calcáreas. Os rios surgem, desaparecem, tornam a surgir; passa-se

* Observações fornecidas pelo Eng.º Gilvandro Simas Pereira, topógrafos Sousa Dias e Moacir da Costa Dória.

acompanhando o vale dum rio: primeiro vegetação pujante, devido à "terra rossa" oriunda da decomposição dos sais de ferro residuais no calcáreo; logo a seguir temos uma vegetação de cactáceas onde se nota a predominância de mandacarus. O xiquexique, a barriguda (*Bombax sp.*) o imbiruçu (*Bombax pubescens*) são todos vegetais com adaptações à seca quando o rio desaparece em um sumidouro.

São muito freqüentes, nesta região, desabamentos que dão como resultado as dolinas. Estes desabamentos podem pôr em perigo até vidas humanas, pois com o pêso do animal a capa externa desmorona-se e lá se vai o cavaleiro. Isto ocorre muito nos arredores do Alegre e até se aconselha aos viajantes novos aí que quando o animal tropeçar e ameaçar cair, saltem imediatamente, pois pode ser um desabamento.*



Fig. 11 — Caldeiro das redondezas de Água Suja, vendo-se também a vegetação sub-zerófila.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

Os rios, nos seus meandros encaixados, provocam devido à ação erosiva escavações muito grandes, como na Volta do Padre no trecho do rio Corrente próximo a Santa Maria, podendo mesmo provocar posteriormente desabamento como se observa no rio Carinhanha nas proximidades da foz do Salobro.

Nas encostas destes morros calcáreos encontramos grutas muito curiosas como na serra das Porteiras (próximo a Pôrto Novo), no vale do Água Quente,* na serra do Ramalho sôbre a qual contam histórias verdadeiramente fantásticas. Esta serra é quase inteiramente inexplorada.

O homem, chegando a esta região, deu tipos diferentes conforme as possibilidades condicionadas ao solo e à água.

Nos campos gerais, isto é, no chapadão arenítico, devido aos minúsculos recursos existentes, não existe uma ocupação verdadeira; é uma zona quase totalmente vazia. O indivíduo para viver aí precisa ser talhado para tal; surge então um tipo — é o "geralista" ou manga-

* Observações fornecidas pelo Eng.º Gilvandro Simas Pereira.



Fig. 12 — O rio Carinhanha próximo à foz do Salobro solapou o calcêreo da margem baiana e este desmoronou formando um lago de barragem. Quando se deu o esbarrancamento o rio abaixo secou e os naturais puderam pegar peixes vivos no seco. O rio depois procurou outro canal do lado mineiro.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

beiro; indivíduo geralmente nômade, que tem como única atividade a extração da borracha de mangaba. É um indivíduo bastante queimado pelo sol, devido à forte insolação no alto do chapadão. É nômade, leva seus apetrechos todos nas costas numa espécie de mochila onde carrega sua roupa, sal, fósforo, café, farinha; do lado carrega um bernal de pano ou couro onde leva o seu fumo de corda, o papafogo (espécie de isqueiro), um alimento que se denomina na região "paçoca" que é uma mistura de carne e farinha, e também a pólvora e o chumbo. Na cintura carrega uma faca ou punhal, arma que tem muitas utilidades no mato. A tiracolo carrega a espingarda. Ainda para completar carrega uma ou duas cabaças d'água para as grandes travessias e, na cabeça, um chapéu de couro.

Vem êle do barracão onde foi vender o seu produto no sábado ao barraqueiro que tem tudo de que necessita. Explora muito os mangabeiros pois vende, na cidade, a borracha por preço muito superior ao



Fig. 13 — Desvio do rio Carinhanha causado pelo desmoronamento.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

da compra. O mangabeiro precisa trabalhar muito para extrair mais borracha; para isso atravessa os "gerais" e quando encontra uma mangabeira, com a "lega" (espécie de faca) faz as incisões e coloca na base os "porongos" (recipiente que apara o látex). As vezes é preciso, para extrair mais látex, aprofundar o corte; usa então um outro instrumento, a "triscadeira". (Eles, com o tempo, chegam a exterminar as mangabeiras devido às incisões que se prolongam até a raiz).

Mais tarde volta e recolhe o látex, procura a sua tenda que é um pequeno rancho de palha construído para passar a noite. Coagula pelo calor o látex, guarda e parte para outro ponto já bem distante do primeiro. Alimento não falta; há muita caça e escolhe os pontos especiais por onde deve ela passar os quais se denominam "pontos de espera", quase sempre o bebedouro. Muitas vezes é obrigado a comer a carne completamente sem sal, pois o mesmo já acabou, ou faltou dinheiro para adquirir quantidade suficiente.

Aos sábados retorna ao abarracamento, casas de palha de buriti construídas em redor de uma maior que é o barracão. Daí só parte no domingo à tarde. Muitas vezes quando retorna traz couros de caça que poderão dar algum dinheiro.

Existe na chapada um outro tipo, se bem que em número muito reduzido, é o negociante que se estabelece em pontos de pouso de grandes travessias nesta área desértica. Aí os viajantes e vaqueiros podem se suprir de alguma cousa que falte para suas travessias. Encontramos também, mas agora já próximo à orla da chapada, as fazendas para onde é levado o gado na época da sêca quando na várzea não há mais pasto. Aí moram os vaqueiros. Tanto os primeiros quanto estes fazem pequenas roças domésticas nas quais domina a mandioca.

Os vaqueiros na época de sêca reúnem o gado e o levam para os "gerais" onde existem fazendas que se denominam "retiro", morando aí durante uma parte do ano. Quando começam as chuvas, reúnem as vacas que têm crias novas e o gado doente, trazendo-os para os pastos novos. Só mais tarde é que vão buscar os restantes. Nos fins de agosto, costumam queimar os pastos. Têm os indumentos todos de couro devido aos espinhos que têm que enfrentar atrás dalguma rês fugida. Recebem o seu pagamento em 1/4 a 1/5 do gado que nasce. Assim, de um modo geral, com o tempo, existe a probabilidade do vaqueiro se tornar criador. O gado é quase todo mestiço, existindo pequeno número de gado de raça.

Para a defesa dos seus animais os fazendeiros são obrigados a combater a onça, animal que liquida tôda a sua criação, e para isso contratam certos indivíduos: são os matadores de onça; carregam eles sua espingarda e ficam na "espera" dias seguidos até que encontrem próximo o rastro fresco das onças; açulam então os cachorros que têm a função de acuar o felino. São todos indivíduos que atiram muito bem; não curtem entretanto o couro da onça porque dizem trazer infelicidade.



Fig. 14 — *Pôrto Novo, no rio Carinhanha.*

(Fot. A. DOMINGUES)

Nas margens do rio, desaparece quase completamente a criação, surge a lavoura e o agricultor. Tem êle também alguma criação de gado vacum para puxar carros de boi, um ou dois cavalos para seu transporte à cidade, cabritos, porcos, galinhas, cabras e carneiros, que constituem a criação doméstica. Próximo à casa geralmente se encontra um engenho de rapadura e outro de mandioca. E' um indivíduo que trabalha de sol a sol. Tem que providenciar a perfeita irrigação do terreno, a sua cultura, a colheita e finalmente a venda dos produtos. O principal centro humano da zona é a cidade de Santa Maria da Vitória, escoadouro dos produtos da área calcárea da zona. São famosas as rapaduras de Santa Maria da Vitória até no baixo São

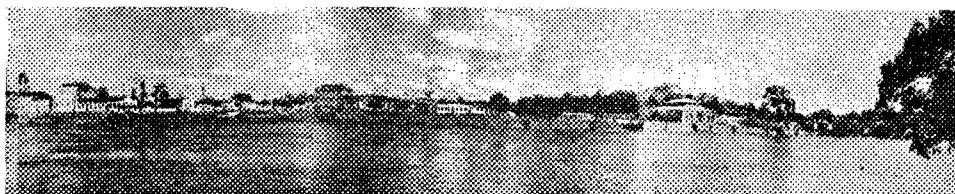
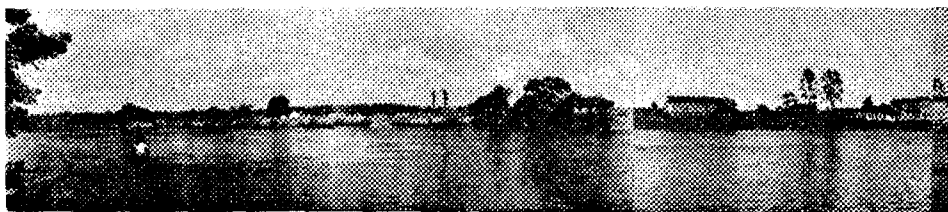


Fig. 15 e 16 — *Vistas panorâmicas de Santa Maria da Vitória, cidade bastante próspera.*

(Fot. cedida pelo prefeito municipal em 1944)

Francisco. Anualmente sobem inúmeras barcas carregadas para vender aí seus produtos e descem sobrecarregadas de rapadura; compram a 1 cruzeiro ou 80 centavos e vendem a 3 cruzeiros em Remanso e Juazeiro. É, pois, um negócio bastante rendoso.

Além da rapadura encontramos outros produtos, se bem que de menor vulto na exportação, como arroz, farinha, feijão, mamona, algodão, etc. Entretanto, com exceção da mamona, podemos dizer que estes produtos são na quase totalidade absorvidos pelo consumo local.

Como produtos desta região mas que são consumidos localmente, encontramos muita banana e laranja.

Outro pôrto importante é Pôrto Novo, no município de Sant'Ana dos Brejos, também na área calcárea, famoso igualmente pela sua rapadura.

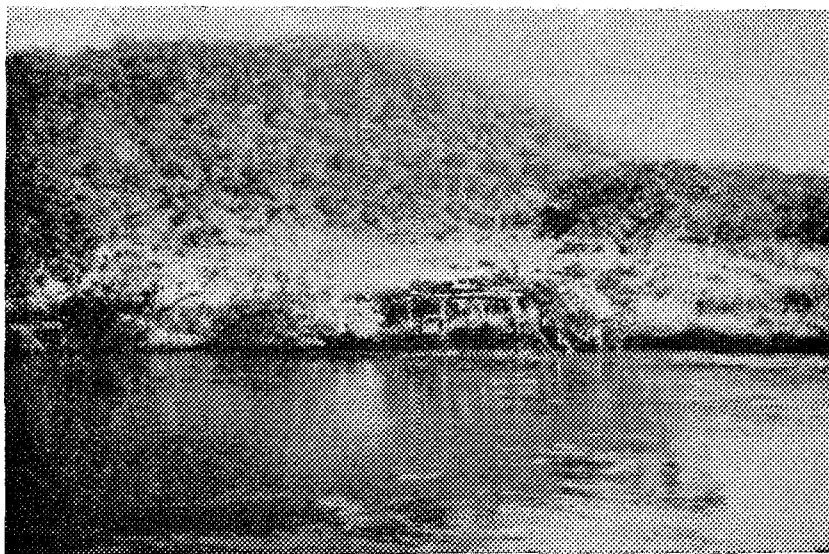


Fig. 17 — Roda no rio Corrente, próximo ao morro do Domingão. Serve para irrigar os terrenos das margens, utilizando as próprias forças do rio. Esta é uma região bastante agrícola. Vêem-se no morro afloramentos de rocha calcárea horizontais.

(Fot. GILVANDRO S. PEREIRA)

Oportunamente, quando nos chegarem às mãos os dados estatísticos, poderemos apresentar um estudo mais desenvolvido dos aglomerados humanos da zona em aprêço.

Quando se desce o rio para Pôrto Novo chama a atenção do viajante a existência de gigantescas rodas de madeira que, aproveitando a velocidade das águas do rio, elevam-nas em latas e despejam-nas em uma calha que as conduz para irrigar os riquíssimos terrenos da margem; próximo destas rodas é bem comum se encontrar engenhos de rapadura e de mandioca. As rodas dão ao rio Corrente um traço que não se encontra nos rios Prêto e Grande situados mais ao norte. Quando não existe muita água no rio para permitir a existência das rodas recorre-se à irrigação, como tivemos ocasião de ver no vale do Água Quente e no rio do Guará, afluente do Cafundó, e cada propriedade tem direito a um certo número de horas de água.

A atividade humana desta zona está dirigida para a agricultura, fabricação de rapadura e também para a criação. Devido à grande riqueza em mata das margens dos rios Corrente, Formoso, Arrojado e das Éguas, encontramos localizado na cidade de Santa Maria um estaleiro em que se fazem as célebres barcas que cruzam o São Francisco além de canoas e paquêtes de diversos tamanhos.

Como vias de comunicações, temos as estradas, na sua maioria carroçáveis, que ficam em precário estado devido às chuvas, por isso transformam-se em lamaçais reduzindo as possibilidades das comunicações entre as várias localidades, que ficam restringidas a trilhas. Outra via importante é o rio Corrente que apresenta navegação franca até Santa Maria e mesmo São José que só é entretanto atingido com sacrifício devido à velocidade das águas.

A oeste, próximo a Goiás, existe uma rodovia que conduz de Manga e Januária para São Domingos.

Os meios de transporte utilizados nesta zona podem ser grupados em terrestres e fluviais.

Tipos de transporte

<i>Terrestres</i>	{ Carros de boi { Animais de carga	<i>Fluviais</i>	{ Navios { Barcas { Paquêtes { Canoas
-------------------	---------------------------------------	-----------------	--

Carro de boi. É um transporte cômodo e capaz de levar uma grande quantidade de carga de uma só vez, com uma grande vantagem, portanto, sobre os outros terrestres. Torna-se entretanto impraticável devido às estradas que geralmente são muito ruins. Serve perfeitamente para distâncias muito pequenas. É muito utilizado para o transporte da rapadura.

Êstes veículos constam de um estrado cercado de varas onde se traçam gravetos, ou então de madeira-maciça, são as guardas. A roda é maciça, de madeira, sem aro.

Animais de carga: É o transporte por excelência do interior e os animais que melhor se prestam a isso são o burro e o jumento. Todo caminho, por pior que seja, serve para êste meio de transporte; êsses animais são conduzidos em grupos de 3 ou mais, podendo chegar até a duas dezenas e chama-se tropa. O dono da tropa e os indivíduos que tocam os burros se chamam tropeiros. Os animais não são ferrados, pois não há muita rocha a não ser na subida da chapada, e em um ou outro ponto. Quando êstes tropeiros têm que fazer longa travessia levam rédes que armam mais ou menos em círculo no centro do qual acendem o fogo, onde está a trempe; cozinham o feijão de manhã e levam um recipiente de couro que enchem d'água, denominado "borracha". As cangalhas são arrumadas tôdas em linha e os animais, quando não

conseguem pastos são peados (amarram-se-lhes os pés) com correias e deixados soltos para comerem o capim que há nas redondezas. São êles que atravessam para Goiás e que vão algumas vêzes a Barreiras, importante centro ao norte.

Navios: São as célebres gaiolas do São Francisco. Esta zona entretanto é mal servida; por mês, apenas dois navios sobem o rio Corrente e embora cada um tenha uma chata, a sua tonelagem ainda é insignificante para escoar os produtos da zona. São duas as companhias cujos navios sobem êste rio: a Companhia Indústria e Viação de Pirapora e a Navegação Baiana do São Francisco.

Barcas: O rio Corrente é o afluente do São Francisco mais bem servido por barcas por causa da atração do negócio rendoso da rapadura, e porque a região se presta também, embora em menor escala a outros tipos de negócios, transporte de mercadorias para firmas da zona, etc. Sobem o rio impulsionadas pelas varas e muitas vêzes auxiliadas pelas velas.

Paquêtes: São canoas com o fundo chato de tábuas ligadas. Tanto êles como as canoas são utilizados para o transporte a pequenas distâncias, isto é, das fazendas para as localidades onde existe comércio.

Canoas: São feitas de um único tronco.

Todos êstes meios de transporte, entretanto, são ainda muito deficientes e se se construíssem duas estradas, uma ligando Sant'Ana a Sítio do Mato e outra ligando Correntina a Barra, localidade fronteira a Bom Jesus da Lapa, se por ela circulassem caminhões, certamente estaria resolvido parcialmente êste problema. Partindo destas estradas sairiam ramais dos quais um iria a Pôrto Novo e outro demandaria Penamar isto da estrada de Sant'Ana dos Brejos. Da outra estrada sairiam ramos para Côcos, passando por Água Suja e Rio Alegre.

O vale do São Francisco

A leste da zona do Grande Chapadão, encontramos uma grande área esbatida; é uma grande planura onde não mais se vê aquêle tipo de relêvo da chapada, e, só de muito em muito longe, ergue-se uma pequena elevação — são testemunhos de formações geológicas que foram completamente corroídas pelos agentes gliptogênicos responsáveis pelo relêvo do nosso planeta.

Atravessando esta planura no sentido sul-norte aproximadamente, encontramos um grande curso d'água, é o São Francisco que apresenta uma intrincada rêde de furos, ínsulas e meandros abandonados onde se encontram os clássicos lagos em crescente. Durante a cheia as águas invadem as baixas margens, chegando a penetrar a 12 quilômetros de distância das mesmas em alguns lugares; outras vêzes, esta distância reduz-se, tornando-se nula; surgem então os altos barrancos.

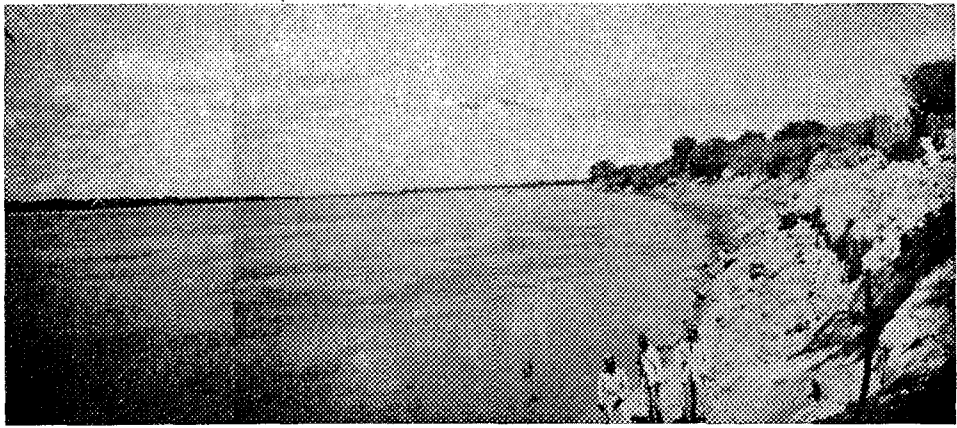


Fig. 18 — Vista do rio São Francisco próximo a Volta de Cima, vendo-se o alto barranco de argila da série das Vazantes.

(Fot. A. DOMINGUES)

Lançando-se a vista nesta zona, salta-nos aos olhos a pobreza de afluentes de uma margem, comparada a outra. A margem direita não apresenta rios perenes, todos “cortam” durante a sêca, enquanto na margem esquerda encontramos dois grandes rios que não “cortam” — o Carinhanha e o Corrente. Isto, talvez, seja devido às massas de ar, que, caminhando de leste para oeste, ao atravessar a serra do Espinhaço, perdem a sua carga de umidade e, ao descer, absorvem a pouca água existente na zona da encosta da margem esquerda. Não havendo chuvas constantes, a zona fica completamente sêca e por isso não encontramos nenhum rio perene.

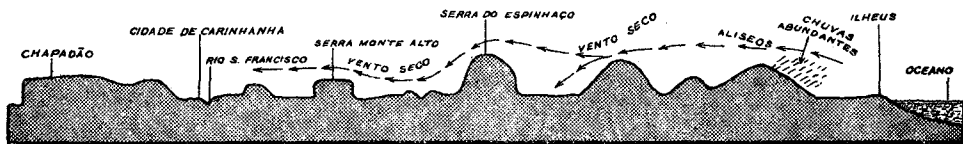


Fig. 19 — Corte esquemático do relevo correlacionado a deslocamentos das massas de ar do litoral para oeste.

Nesta zona, dentre elevações mais importantes, destacamos o serrote da Lapa, única elevação ao sul da zona e onde DERBY encontrou os corais fósseis da série Bambuí. Ao sul, ergue-se uma serra quase que linear, é a serra de Iuiu, que é uma serra comprida, subparalela ao leito do São Francisco e surge como primeiro contraforte da chapa-da Diamantina, não tendo entretanto com aquela, solução de continuidade, pois se ergue do meio da planura.

Penetrando-se para leste, na parte norte da zona, após umas 4 léguas, ergue-se uma série de morros paralelos que constitui uma zona diferente; por aí se penetra no município de Riacho de Sant’Ana. A linha de limites com essa nova zona segue aproximadamente as primeiras elevações.

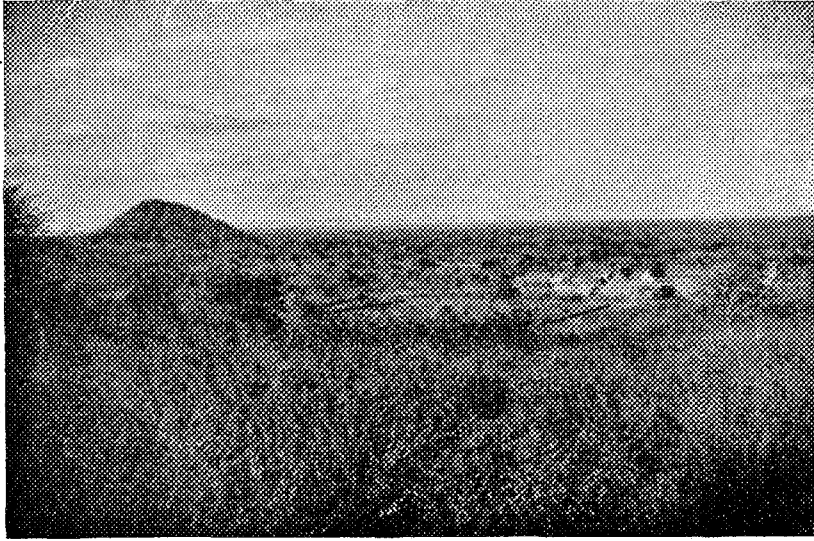


Fig. 20 — Vista panorâmica dos arredores de Iuiu, vendo-se ao fundo um testemunho de calcáreo e em último plano a serra de Monte Alto.

(Fot. A. DOMINGUES)

No sul, após a serra de Iuiu na direção leste, encontramos uma serra linear que se assemelha a uma gigantesca barreira e se ergue como que a impedir o avanço do ousado viajante. A sua parte superior tabular mostra ser uma chapada. A rocha que constitui o *substratum* da chapada é o granito sotoposto ao arenito.

E' a serra de Monte Alto. Esta serra é a linha natural de limites de uma nova zona que vamos estudar: a zona da Encosta.

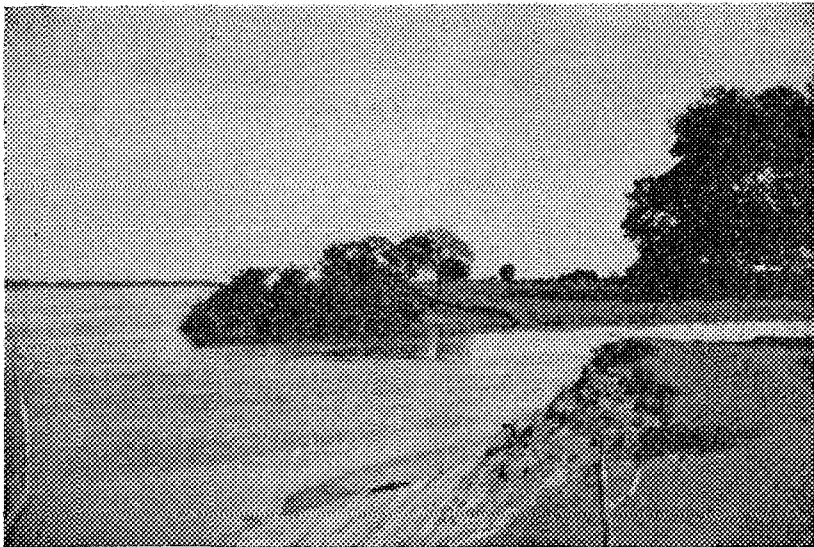


Fig. 21 — Foz do rio Carinhanha no rio São Francisco, município de Carinhanha, em primeiro plano, e em segundo o município de Manga, no Estado de Minas Gerais.

(Fot. A. DOMINGUES)

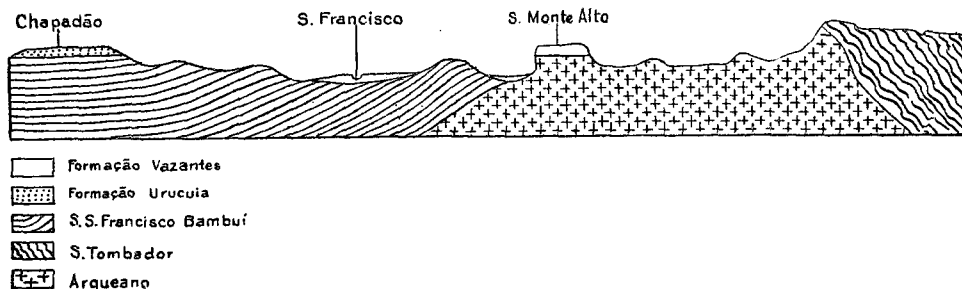


Fig. 22 — Corte geológico mostrando uma secção entre o chapadão e a serra do Espinhaço, vendo-se ao centro a serra de Monte Alto.

O solo desta zona não varia muito; é em quase sua totalidade um solo argiloso em que encontramos grande riqueza de sais de cálcio.

Nas margens do São Francisco, encontramos barrancos constituídos por argila, na qual não encontramos fósseis; tal argila pertence à série das Vazantes. Entretanto, no interior, na lagoa do Pau de Espinhaço, município de Monte Alto, em uma cacimba antiga descobriu-se um gigantesco animal que foi incluído entre os mamíferos do pleistoceno. Encontraram-se também ossadas indetermináveis e moluscos na gruta da Lapa. Referir-nos-emos posteriormente a tais fósseis num outro relatório.

Aquêles barrancos argilosos chegam a ter 10 a 15 metros de altura, como podemos ver na Volta do Rio e em Carinhanha como mostram as fotografias. Outras vèzes, a parte elevada se afasta e temos uma área muito baixa e pantanosa, cheia de lagoas e furos, com uma vegetação característica e hidrófila, denominada pelos naturais laga-

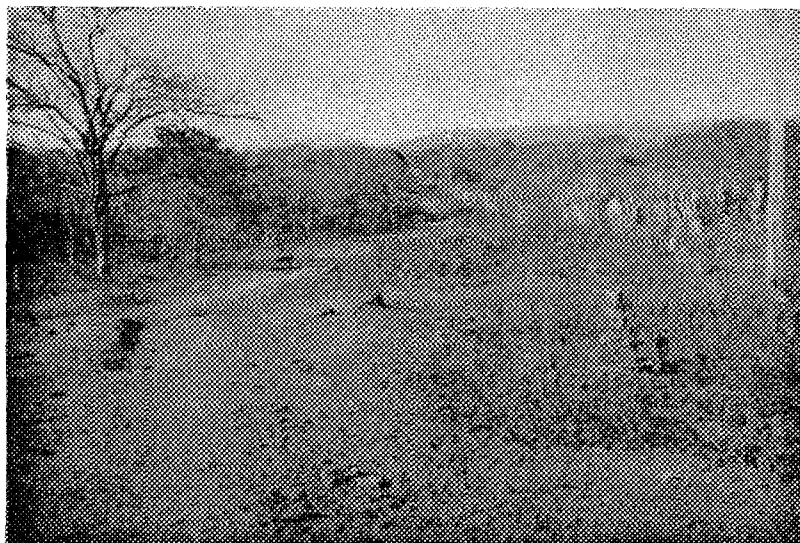


Fig. 23 — Fotografia tomada na estrada Iuiu-Monte Alto, vendo-se a vegetação ressequida característica da zona e ao fundo, a serra de Monte Alto, limite da zona.

(Fot. A. DOMINGUES)

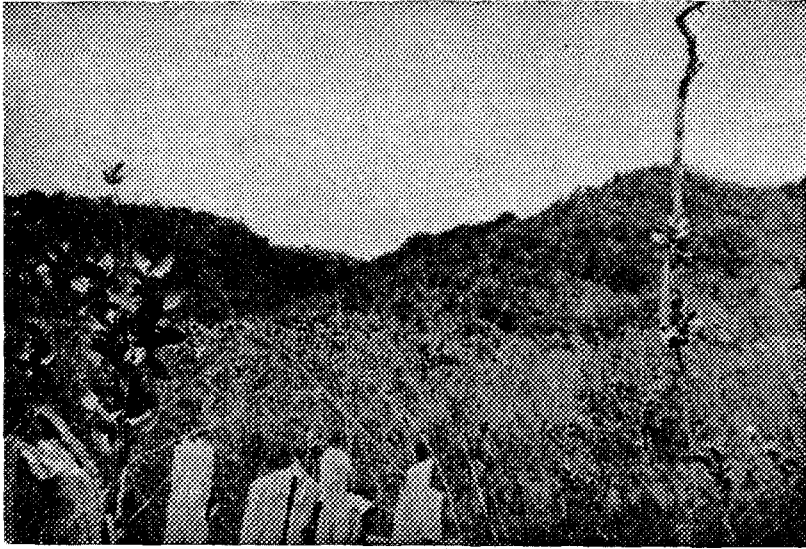


Fig. 24 — Serra do Iuiu, vendo-se a vegetação exuberante devido ao solo rico em sais de cálcio.

(Fot. A. DOMINGUES)



Fig. 25 — Estrada Monte Alto-Iuiu, próximo a Mulungu. Vê-se a vegetação tipo arbustiva com predominância das ramificações longitudinais que emprestam um aspecto característico. Denominam esta vegetação de caatinga.

(Fot. A. DOMINGUES)

mar. Esta formação chega em alguns lugares a ter 9 quilômetros de largura, e é resultante do entulhamento dos leitos antigos por sedimentos trazidos pelas cheias, consolidados posteriormente pela vegetação característica dos alagadiços.

A faixa que marca a passagem do lagamar para a zona não invadida pelo rio, isto é, o nível correspondente ao barranco alto de 10 a 15 metros, denomina-se "bôca de caatinga", nome êste, que receberam numerosas fazendas e lugares, situadas nessa faixa.

Em virtude do solo possuir sais calcáreos, a caatinga tende a um tipo diferente: a caatinga-carrasco. A caatinga aqui não tem aquêle aspecto tão característico do Nordeste; neste local encontramos uma formação florística cujos elementos são altos tendo em média 3 metros, aí se salientando as gigantescas barrigudas (*Bombax sp.*) com a sua forma berrante, características do terreno muito rico em cálcio.

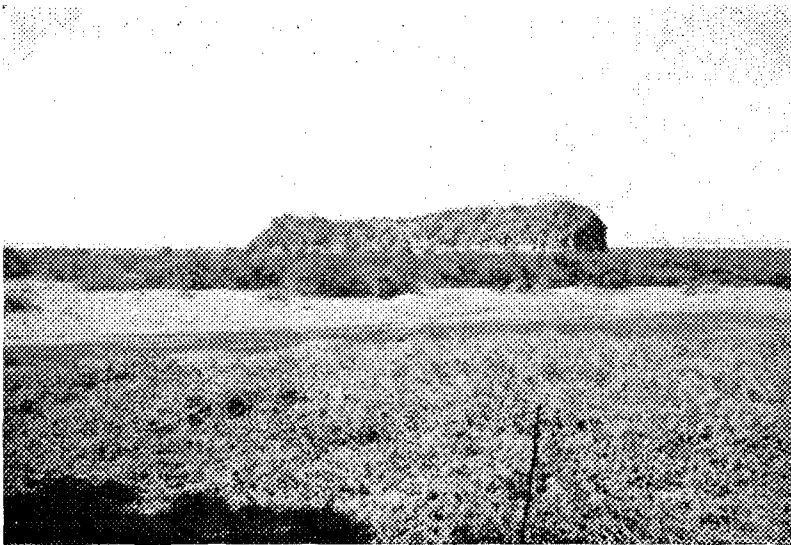


Fig. 26 — O morro da Lapa, visto da margem esquerda. Em primeiro plano um furo do rio agora sêco e a seguir um banco de areia consolidado e finalmente o rio.

(Fot. A. DOMINGUES)

Entre os elementos constantes observados salientamos as juremas (*Mimosa sp.*), a vaqueta (*Combretum anfractuosum*), o pau-d'arco roxo (*Tecoma impetiginosa*), o calumbi (*Mimosa asperata*), o juazeiro (*Ziziphus sp.*), a macambira (*Encholorium spectabile*), as umburanas (*Torresia cearensis*), mata pasto (*Cassia sp.*). Entre as cactáceas encontramos o mandacaru (*Cereus jamacaru*), o xiquexique (*Pilocereus setosus*), a palmatória (*Opuntia palmatoria*). Esta vegetação constitui uma barreira para o homem, e associada à extrema aridez do clima, torna determinados pontos inaproveitáveis. Assim, para se chegar à serra do Ramalho na margem esquerda do São Francisco, temos que atravessar uma zona dificilmente transponível. Esta serra só é conhecida em alguns pontos por vaqueiros. Aliás, em tôdas as margens

do São Francisco, se apresenta para o interior este tipo de vegetação, e isto contribui para a baixa densidade de população que não chega a 0,5 por quilômetro quadrado, no interior.

Só muito para leste, é que se nota a mudança da vegetação para uma outra, que os naturais denominam "carrasco", que é caracterizado pela presença de unha-de-gato, surgindo a maniçoba (*Manihot sp.*) donde se extrai a borracha e também pelo caroá (que verificamos não correr junto à macambira na caatinga-carrasco). Isto pudemos observar entre Iuiu e Monte Alto, na fazenda Barra do Riacho; parece que o empobrecimento em sais de cálcio e o aumento da sílica no solo determinaram esta mudança na flora.

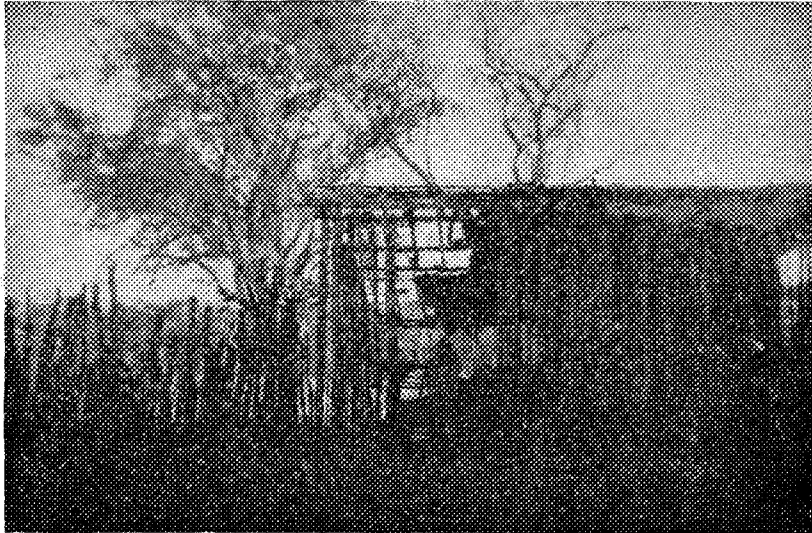


Fig. 27 — Casa de pau-a-pique muito comum nas margens ribeirinhas do São Francisco e do Corrente nesta zona. Margem do rio Corrente próximo a Porto Novo.

(Fot. A. DOMINGUES)

A extrema secura da região, que culmina com a absorção dos poucos filêtes que descem das serras, para entrar no lençol subterrâneo, torna esta região muito pouco habitável, e, por isso, as poucas habitações humanas que são aí encontradas estão distribuídas nos sopés das serras, como Iuiu, situada na parte norte da serra calcárea do mesmo nome e Pé da Serra no município de Monte Alto, distrito de Laranjeiras, cujos habitantes se dedicam à agricultura. Outras estão situadas à margem de lagoas, como lagoa da Onça, lagoa Grande, Campos, Pau-de-Espinho no município de Monte Alto e Quincas no município de Barra, que dirigem suas atividades para a criação, contrastando com os primeiros.

Os produtos desta região, com a pequena exceção dos que vão para Monte Alto, se escoam todos para o São Francisco por intermédio de Malhada e Melancias, na margem direita e Carinhanha na margem

esquerda, ao sul. Ao norte, são êstes produtos trazidos para os portos em tropas e carros de boi, donde são embarcados em navios e barcas que fazem o serviço no rio.

Carinhanha é o mais importante ponto do sul da zona estudada. Está localizada na margem esquerda do São Francisco, próximo à foz do rio Carinhanha, construída sôbre um alto barranco de uns 8 metros. Consta de uma praça onde se localiza a igreja, uma rua que desce para o cais seguindo a direção do sul, acompanhando o rio e que é a rua principal do comércio; em tôrno desta, um arruamento mais ou menos regular, com as suas casas típicas de pau-a-pique ou adôbe. Seus produtos principais de exportação são: couros, algodão, milho e borracha de mangaba. Serve de escoadouro das localidades da zona dos chapadões, Côcos e Ramalho, situadas na área calcárea e de Iuiu na margem direita. Como indústria, tem uma usina beneficiadora de arroz e outra de algodão.

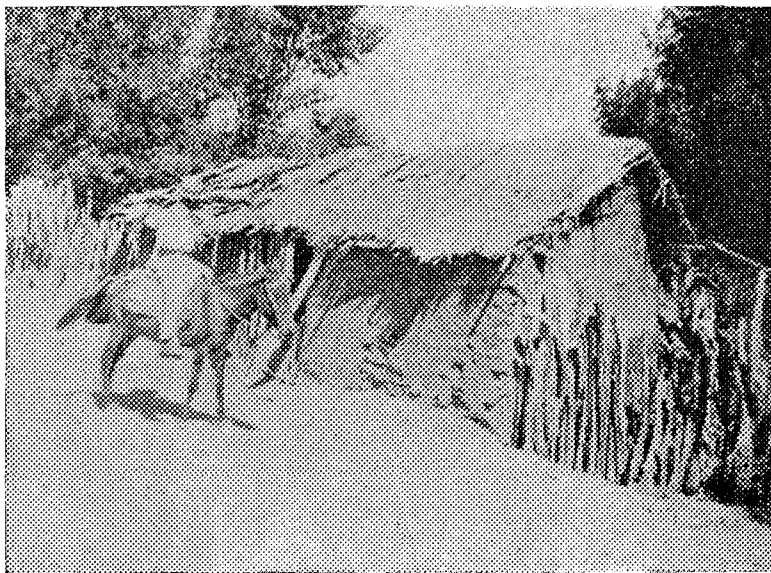


Fig. 28 — Casa coberta de cascas de madeira, caso muito comum nas margens do São Francisco no município de Carinhanha. Situada pouco a montante de Pituba.

(Fot. A. DOMINGUES)

Ao norte, encontramos uma outra cidade: *Bom Jesus da Lapa*, célebre pelo seu santuário, que está situado numa gruta do serrote calcáreo e anualmente atrai grande parte da população, que para aí converge em romaria. Isto ocorre em julho e agosto, e converte nesta época a cidade em uma das mais movimentadas do centro baiano. Vem gente de muito longe: de Ilhéus, Jequitinhonha, Montes Claros, utilizando para o seu transporte automóveis, caminhões, animais, carros de boi, navios ou viajando mesmo a pé. Isto torna as estradas principalmente da margem direita bastante tráfegadas. Esta cidade vive unicamente do comércio durante a festa de Bom Jesus da Lapa; no resto

do ano, é uma cidade morta, como qualquer outra do interior do Brasil. E' servida pelo Correio Aéreo Militar e pelos aviões da Navegação Aérea Brasileira. E' ligada por uma estrada de rodagem, a Riacho de Sant'Ana, que distribui ramos das estradas pelo centro, saindo para Caitité e Guanambi e daí ligando todo o centro da Bahia.

Devido à forte atração do santuário, as ruas principais convergem para a praça onde êle se situa.* Na forma da cidade, o rio não influenciou, o que constitui exceção na margem do São Francisco. Nesta pequena cidade tivemos a surprêsa de encontrar 5 hotéis, número bastante elevado para tão pequena cidade.

Os seus habitantes alugam casas durante a festa, cobrando preços exorbitantes; possuem nas redondezas pastos, que alugam "por animal" aos romeiros.

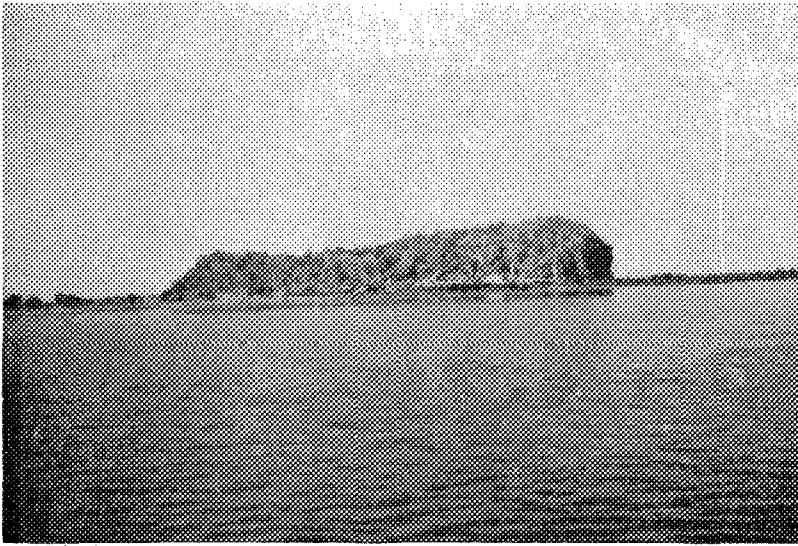


Fig. 29 — Cidade de Bom Jesus da Lapa, vista do meio do rio São Francisco. O serrote se destaca da planura em redor.

(Fot. A. DOMINGUES)

Outra atividade lucrativa é a pesca que se encontra em abundância no rio, sendo muito procurado o surubim, o dourado e a curimatá. O surubim sêco é muito apreciado e poderá servir de base para a instalação de uma indústria muito lucrativa, pois tem um sabor que muitos julgam superior ao do bacalhau.

Para a pesca são utilizadas canoas, de onde se jogam rêdes, que arrastam, ou pescam de linha.

Centraliza semanalmente as atividades comerciais a feira tão característica do Nordeste. Então chegam os "lameiros" (indivíduos que plantam verduras nas margens lodosas do lagamar e das ilhas); vêm em canoas com os seus produtos. Outros vendem rapaduras que vieram

* As casas são caiadas, utilizando-se as lajes do calcáreo que são também empregadas para o calçamento das ruas.

das redondezas ou do vale do Corrente; encontram-se como produtos típicos desta região: mandioca de que se extrai farinha, arroz, feijão, fumo e frutas. Entretanto êsses produtos não são suficientes para a exportação, só o couro e o peixe podem ser exportados em grande escala.

Devido à grande distância do rio, têm sido encontradas grandes dificuldades para a construção do cais, pois têm que ser feitos além da murada grandes aterros (isto por causa da forte atração do santuário).

O problema destas duas cidades é a falta d'água, que assola tôdas as cidades ribeirinhas do São Francisco; utilizam-se jumentos com dois barris, carregadores que trazem latas na cabeça ou nos ombros, e mesmo carros de boi como pudemos observar em Bom Jesus da Lapa.

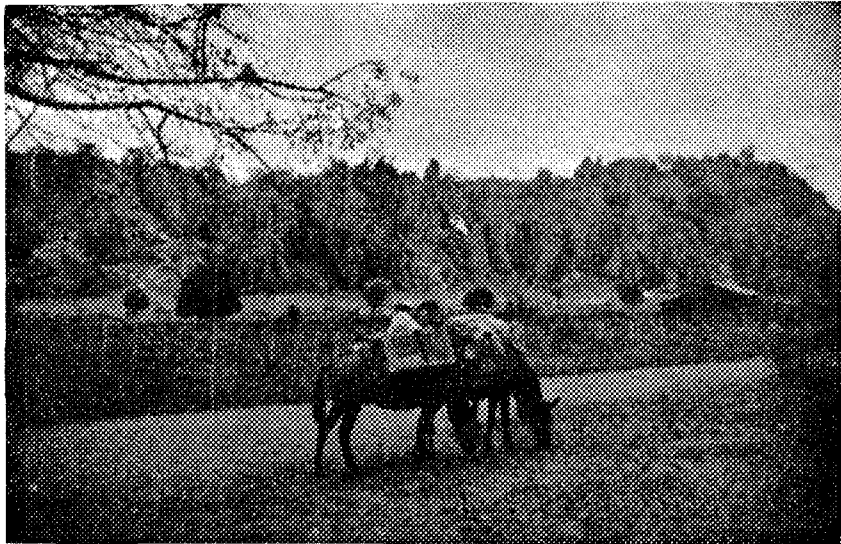


Fig. 30 — Parte oriental do serrote da Lapa, vendo-se as figuras de erosão de calcáreo.

(Fot. A. DOMINGUES)

Em tôrno destas duas cidades, encontramos as fazendas, onde se efetua a criação de gado vacum; o gado vive à sôlta e lambe a argila da série das Vazantes à procura de sal; alimenta-se na caatinga. É um conjunto de animais magros na época da sêca mas a variedade de animais resiste muito bem à falta de alimentos; supre isso comendo mandacarus que os vaqueiros derrubam. Êste gado faz a retirada durante as cheias, ficando nas caatingas, mas nas partes altas, longe das águas.

Na margem do rio costuma-se cercar as roças e deixar o gado à sôlta; fazem-se pastos onde só se colocam os animais que são mais necessários, como os bezerros.

Nas fazendas da margem do rio, surge uma outra atividade: a extração de lenha para vender aos vapôres e que é utilizada como combustível. Surgem então os *portos de lenha*.

Os sitiantes, encarregados do pôrto de lenha, vão buscá-la em carros de boi.

Os que cortam a lenha são chamados "lenheiros". A lenha é cortada a dois cruzeiros o metro e vendida a seis ou sete nos vapôres. Estes dados foram obtidos no pôrto de lenha de Passagem próximo à fazenda Volta de Cima.

Verifica-se que os habitantes das margens moram no barranco no "inverno", onde plantam suas roças de mandioca, milho, feijão, batata, etc. (isto é, durante as águas) e na sêca vão para o lôdo nas vazantes. As casas dos mais pobres são cobertas de casca de árvores ou de palha. Um dos grandes problemas das margens do São Francisco é o impaludismo que ataca fortemente a população ribeirinha.

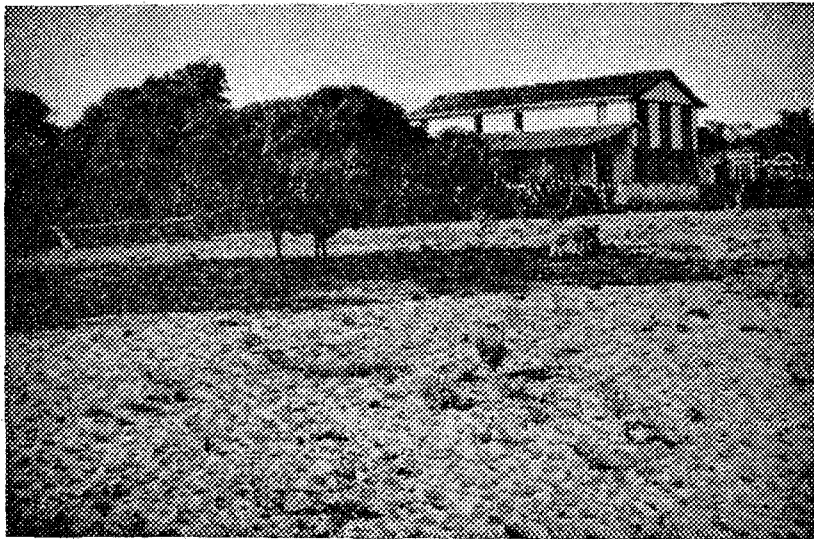


Fig. 31 — Foz Pôrto Alegre, uma das melhores do rio Corrente. Antiga foz agrícola, agora dedicando-se à criação, vendo-se as instalações de um engenho abandonado.

(Fot. A. DOMINGUES)

Alguns riachos e nascentes, nas proximidades das serras, permitiram fixação de aglomerados humanos de relativa importância; assim acontece nas margens do riacho Mandiroba, afluente do rio Verde, em cujas margens se encontra a localidade de Laranjeiras, sede distrital do município de Monte Alto.

Outra localidade interessante é Iuiu, povoado do município de Carinhanha, onde se vê uma forte atividade dirigida para a lavoura aproveitando os sedimentos resultantes da decomposição dos calcários da serra do mesmo nome. Vêm-se aí grandes culturas de milho, algodão, feijão, cana, etc. Para utilização destes produtos encontramos engenhos de mandioca e de rapadura.

Quando olhamos a serra de Iuiu e redondezas com atividades humanas bastante intensas, somos obrigados a confessar que quase a consideramos como uma zona diferente; entretanto tal não se pode



Fig. 32 — Vista parcial da localidade de Iuiu vendo-se o mercado, a praça central com as casas de alvenaria e os últimos contrafortes da serra calcárea.

(Fot. A. DOMINGUES)

fazer por não ter a serra uma expressão maior, pois após se transpor esta serra, caímos outra vez na grande planura, que circunscreve esta elevação. A paisagem não mudou, continua semelhante e só nas proximidades da serra de Monte Alto é que verificamos uma grande mudança. Considerar como zona esta serra seria cair em microgeografia que não é nosso objetivo.

As vias de comunicações nesta zona já são mais numerosas. O São Francisco oferece navegação franca. Temos, além daquelas duas companhias de navegação, já referidas na outra zona, uma outra: a Navegação Mineira, companhia do govêrno do Estado de Minas. Agora já são em maior número os navios em relação ao rio Corrente; os outros tipos de embarcação continuam, surgindo um outro: o ajoujo, que é uma prancha tendo na parte inferior 2 ou 3 canoas, com 2 ou 3 remadores. Serve para atravessar o rio com maiores cargas e animais. Encontramos esta embarcação em três pontos: em Malhada, em Bom Jesus da Lapa e próximo à fazenda Juazeiro de Baixo, no rio Corrente.

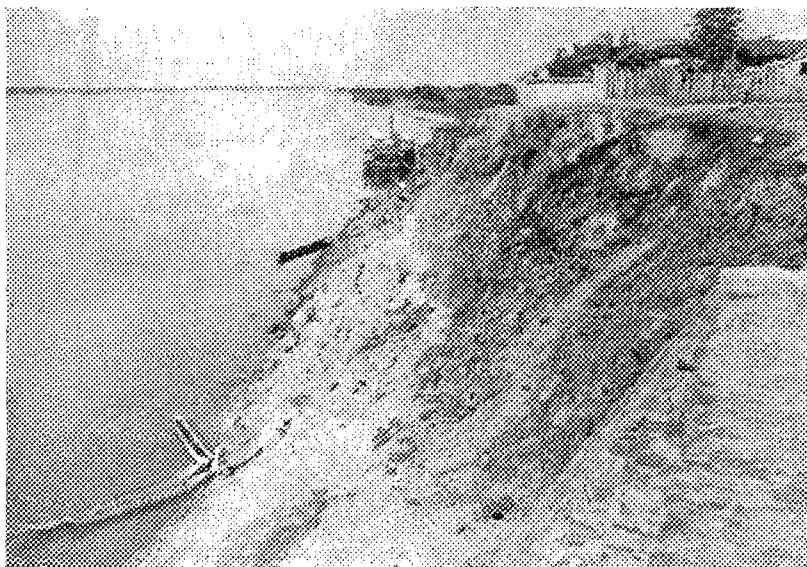


Fig. 33 — Barranco do rio São Francisco, em Carinhanha. A rocha constituinte é argila e areia das vazantes. Vê-se no rio um "vapor" e algumas canoas de pescadores.

(Fot. A. DOMINGUES)

Já nos referimos acima à estrada de rodagem Lapa-Riacho de Sant'Ana.

Verificamos aí que esta zona se acha cortada por estradas de carro de boi e de tropa, devido ao maior número de fazendas, principalmente acompanhando os vales e umas seis penetrações no interior, servindo de escoadouro para o mesmo.

Surge um outro elemento importante entre os meios de transporte — o avião. Para isso existe em Bom Jesus da Lapa, um campo em que fazem escala os aviões da Navegação Aérea Brasileira e do Correio Aéreo Militar.

O principal escoamento dos produtos da zona é feito pelo rio São Francisco, seguindo de preferência para jusante. Parreiras e Laranjeiras bem como a área em torno das mesmas escoam os seus produtos para Monte Alto constituindo exceção, pois não é mais para o São Francisco.

Apesar de mais bem servida do que a zona anterior, esta zona ainda se ressentida da falta de meios de transporte fluviais, pois os atuais são muito morosos e não têm grande capacidade. Urge, pois, aumentar e modificar as embarcações que exploram o serviço de navegação. Existem até vários planos neste sentido.

Serra de Monte Alto

Dedicamos agora algumas linhas à interessante serra de Monte Alto, que surge como um hiato no limite da zona presente, pois não tem ligação nem com esta zona nem com a seguinte. A sua constituição é de granito sotoposto ao arenito que apresenta muitos traços de semelhança com o arenito das chapadas da margem esquerda do São Francisco. Têm entretanto sido considerados os arenitos como pertencentes ao período Algonquiano pelos autores, se bem que exista maior semelhança petrográfica com o arenito da formação Urucuia. É uma serra linear, com uma altitude média de 300 metros em relação à planura, próximo à cidade de Monte Alto. Devido ao seu solo bastante

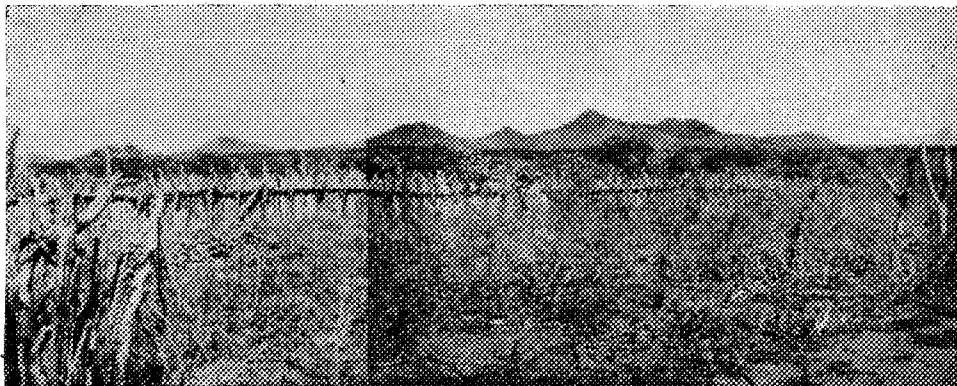


Fig. 34 — Vista panorâmica próximo à faz Pedro do Sobrado para o sul, vendo-se os morros graníticos testemunhos do nível — 150 e — 200; no fundo à direita vemos a serra do Monte Alto.

(Fot. A. DOMINGUES)

silicoso, é que se desenvolve a vegetação de campos cerrados com os mesmos elementos citados anteriormente na zona dos chapadões. Dela descem inúmeros filêtes d'água que deram lugar à formação de aglomerados humanos maiores como Monte Alto, Itaguaçu situado na zona seguinte e Laranjeiras na zona do vale.

A serra, graças ao arenito que funciona como reservatório d'água, permitiu a estabilização e o desenvolvimento destes aglomerados humanos.

Zona dos contrafortes

Quando caminhamos mais para leste, verificamos que a paisagem muda bruscamente, embora apresente alguns traços de semelhança com a da zona anterior; vemos ainda a grande planura, mas agora encontramos diferenças; a parte central é cheia de elevações, umas

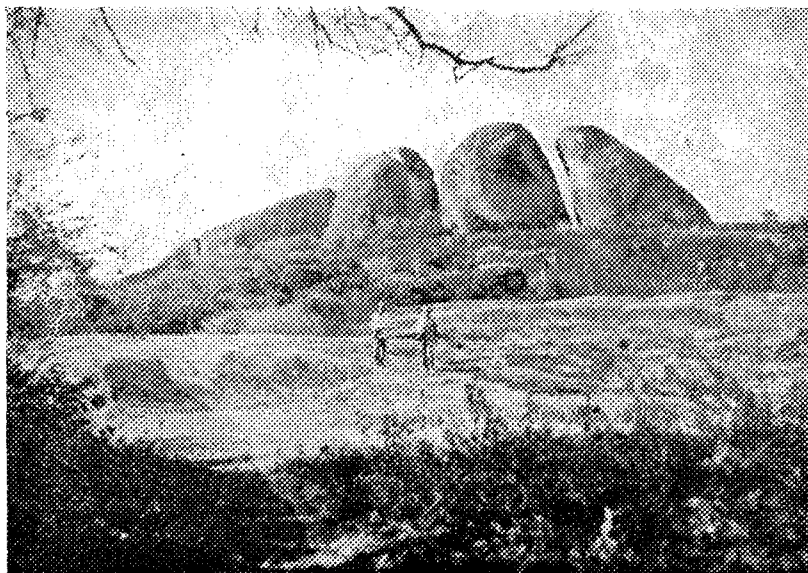


Fig. 35 — *Morro dos Três Irmãos, fendido por diáclases. O trabalho de erosão nestas formou grandes matacões.*

(Fot. A. DOMINGUES)

pequenas, de formas cônicas, outras maiores formando pequenos maciços montanhosos. A topografia vai se tornando mais movimentada à proporção que nos aproximamos da serra do Espinhaço. Esta aparece como uma linha elevada no horizonte. Tal é a paisagem que surge aos olhos do viajante quando transpõe a serra de Monte Alto.

Por isso somos obrigados a separar aí as duas zonas. Termina aí a baixada do vale; já se começa a observar as primeiras elevações que surgem como contrafortes do Espinhaço, donde veio o nome da zona.

As formas arredondadas das elevações denunciam a rocha granítica do seu *substratum*. Esta rocha algumas vezes apresenta-se fendida por diáclases, como no morro dos Três Irmãos e morro da Inácia.

A esfoliação trabalha ativamente; de quando em quando, grandes cascas caem, surgindo formas caprichosas, na base dos morros graníticos, pois a erosão pluvial não pode carrear os blocos, (êstes só são trabalhados pela água durante uma parte do ano); ficam *in situ* como se pode observar no morro da Inácia. Na parte norte o biotita-gnaisse, que na costa atlântica é profundamente alterado devido à chuva, chega a formar um sistema de montanhas paralelas bem importantes, como se pode observar no município de Riacho de Sant'Ana.

No sul da zona, segundo informações que colhemos, o relêvo é acidentado com serras paralelas. Pudemos observar que as elevações desta zona apresentam dois níveis importantes, que avaliamos tomando como termo de comparação o nível da chapada de Monte Alto. Um estaria a uns 100 metros abaixo da chapada e outro a 200 metros; existe ainda um menor de 250 a 260 metros.



Fig. 36 — Lagoa Lapinha. Estrada Monte Alto-Guanambi. Vê-se a vegetação ressequida com adaptações xerófilas, predominando as cactáceas. A lagoa tem o embasamento de rochas cristalinas.

(Fot. A. DOMINGUES)

As rochas graníticas, devido à sua impermeabilidade permitem a existência de um grande número de lagoas, algumas das quais podem ser muito grandes, como Agostinho e Romão no município de Monte Alto; Guanambi, nas margens da qual fica a cidade de Guanambi, é uma lagoa oval com 1 000 metros de comprimento e 200 metros de largura atravessada por um riacho sêco, afluente do Carnaíba de Dentro, é uma lagoa perene; existe ainda a lagoa Itaguaçu, nas fraldas da serra de Monte Alto, nas margens da qual está a vila de Itaguaçu; a lagoa do Mocambo, também mui grande possuindo na sua margem a vila de Mocambo. Tôdas estas se acham localizadas no município de Guanambi. No município de Riacho de Sant'Ana encontramos as seguintes: Muquém, Marrecas, Arroz, Furados, Água Preta, Santa Rita e Matina.

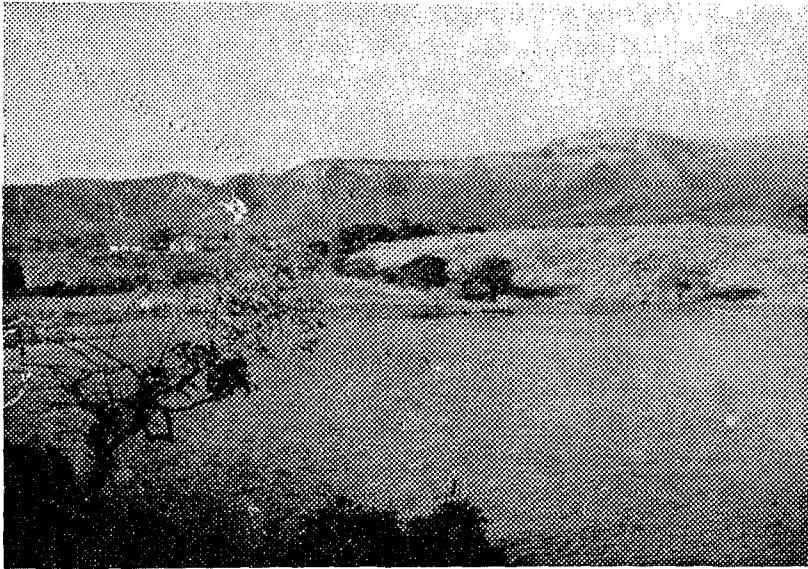


Fig. 37 — Lagoa de Itaguaçu, vendo-se no fundo casas de agricultores e em último plano, a serra de Monte Alto, vendo-se também a escarpa do arenito.

(Fot. A. DOMINGUES)

Além destas existe um número enorme de pequenas lagoas nas margens das quais se situam as fazendas. Os habitantes, entretanto, sofrem muito, pois os ventos quentes e secos que descem do Espinhaço, evaporam a água das lagoas e elas secam; eles são então obrigados a procurar outra lagoa que seja perene. Remedeiam isso, aumentando a capacidade das suas lagoas, construindo pequenas barragens no sangradouro.

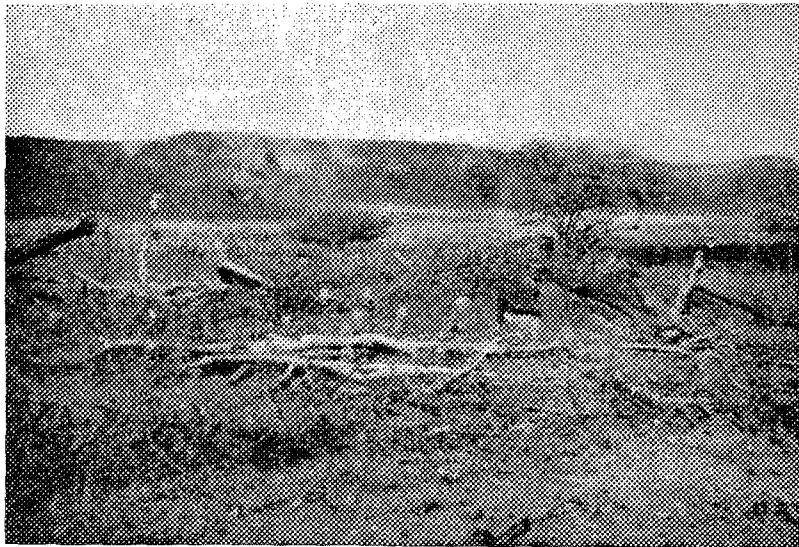


Fig. 38 — Afloramentos graníticos próximo à picada do Zusa, numa derrubada e no fundo a serra de Monte Alto (cretácico).

(Fot. A. DOMINGUES)

Graças a êste grande número de lagoas pudemos encontrar uma ocupação humana dispersa, que consta de inúmeras fazendas, tendo a sua atividade quase totalmente dirigida para a criação de gado vacum. Êste gado entretanto vive sôlto, não existem quase pastos cercados, a não ser nas imediações dos comércios. Não dão sal ao gado e êste lambe o que existe na terra. Em alguns lugares êste sal existe em tanta quantidade que pode ser extraído do solo e surge assim uma pequena indústria. Observamos isto em Pajeú dos Ventos, onde uma mulher extrai cêrca de 20 litros de sal de cozinha, apurando cêrca de 20 cruzeiros por dia. O processo de extração é, entretanto, muito rude; lava-se a terra, e a água da lavagem é colocada em tachos, que é evaporada pelo calor do fogo, jogando-se fora a "água mãe". O sal sobe à superfície

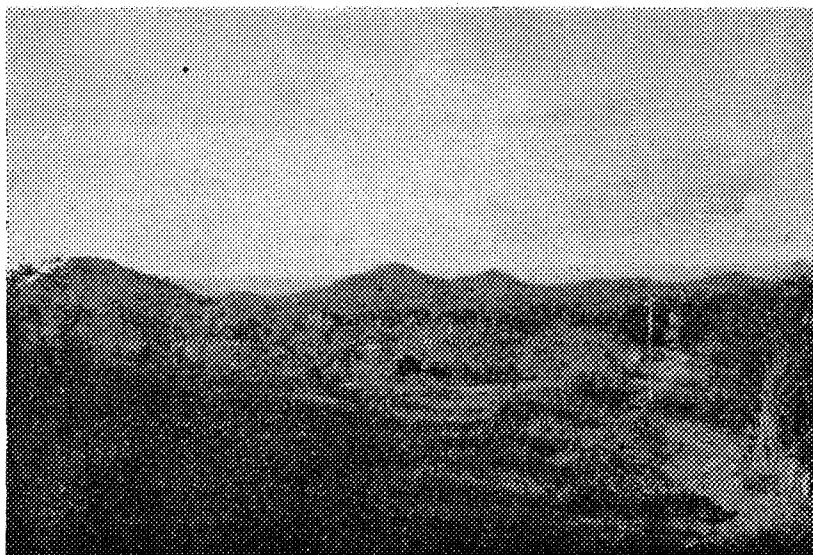


Fig. 39 — Vista do morro das Aroeiras, na direção de Guanambi. Os três morros correspondem ao nível de crosão 200 metros abaixo da serra de Monte Alto nesta localidade. No fundo vemos a serra do Espinhaço.

(Fot. A. DOMINGUES)

da terra, em virtude da eflorescência, que é fortemente ativada pelos ventos quentes e secos, que sopram do alto da serra, e aos quais já nos referimos. Em Pajeú dos Ventos, às vêzes o vento é tão forte, que as casas comerciais não abrem, e das cinzas das cozinhas dos viajantes que dormem ao ar livre não se encontram nem vestígios no dia seguinte. Pajeú deve a êste vento parte do seu nome. Outra localidade onde o vento é muito forte é Monte Alto, situado na ponta da serra do mesmo nome.

Os rios desta região secam periódicamente, restando unicamente no seu curso algumas lagoas. Para remediar a falta d'água em certos pontos, costumam os naturais levantar barragens interrompendo o rio e represando a sua água, como se observa próximo a Pajeú dos Ventos, construindo pequenos açudes. Água corrente só existe nos sopés das serras onde estão geralmente situados os maiores centros. Quando

os filêtes d'água penetram nos ressequidos terrenos de baixada são evaporados só restando o leito sêco que é geralmente coberto de gramíneas.

Entre os rios que cortam esta zona, temos o rio das Rãs, que é erroneamente chamado no seu curso superior Carnaíba de Fora. Tem êste rio um grande afluente o Carnaíba de Dentro. Além dêsses temos: o Casanova, o Mandiroba; entretanto todos êles "cortam", só correndo por ocasião das águas.

O leito sêco dos rios, cobertos de gramíneas, sem vegetação alta, é chamado "vereda". A vegetação desta zona difere da caatinga-carrasco pela existência destas savanas, entretanto a vegetação alta ainda pertence a uma variedade das caatingas. Os vales dos riachos são geralmente em forma de um V muito aberto; só os rios maiores cavam a sua calha.

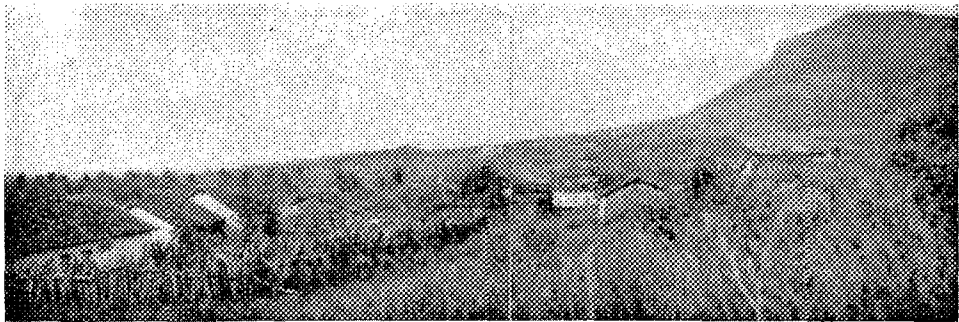


Fig. 40 — Vista parcial da cidade de Monte Alto, vendo-se a ponta da serra do mesmo nome.

(Fot. A. DOMINGUES)

Na vegetação que limita estas savanas, encontramos de característico o aparecimento da favela (*Cnidocolus phytacanthus*); outro elemento característico que aí é muito importante quanto ao número é a aroeira (*Schinus Aroeiro*) que se ergue com seu tronco de 5 a 6 metros dominando os outros elementos da flora. Em certos lugares principalmente nos morros ela se torna tão freqüente que originou o nome do morro das Aroeiras no município de Guanambi; surge também numeroso o pajeú; observa-se que há o enriquecimento de cactáceas; além do mandacaru, xiquexique e palmatória, surge o rabo de rapôsa (*Cereus sp.*) e a cabeça de frade (*Melocactus sp.*) que se torna muito freqüente, nos numerosos afloramentos rochosos, constituindo, por vêzes, a sua única vegetação ao lado dos líquens, como pudemos observar no morro dos Três Irmãos.

Tal é o aspecto da vegetação nesta zona, que se apresenta mais ou menos homogênea, com a predominância ora de uma espécie ora de outra. Algumas vêzes, como na zona do norte, desaparecem quase completamente as baixadas de gramíneas devido à proximidade das montanhas; os vales aí se apertam. Esta vegetação tem a aparência de ser bem mais sêca do que a do vale do São Francisco.

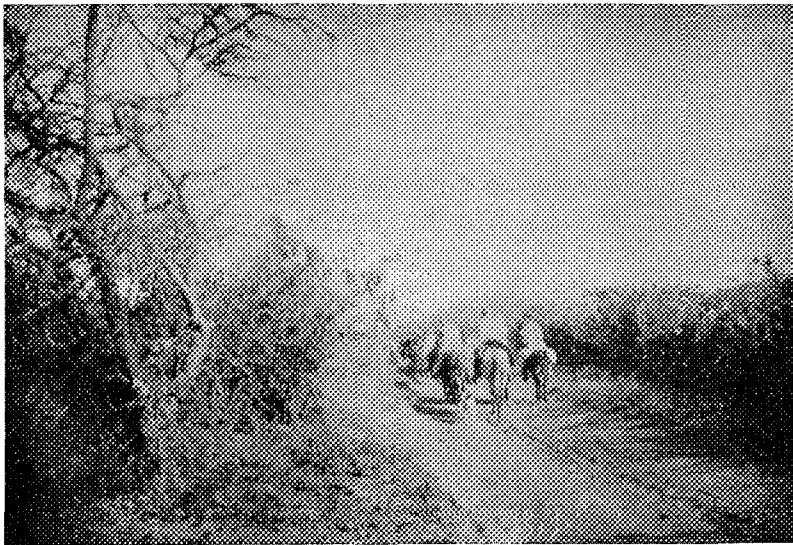


Fig. 41 — Vaqueiros conduzindo gado para a feira semanal de Monte Alto. Vê-se também a ressequida vegetação que é uma variante da caatinga.

(Fot. A. DOMINGUES)

O homem aqui tem a sua atividade dirigida quase que exclusivamente para a criação, parecendo entretanto que houve primeiro um ciclo de agricultura, como pudemos observar pelos diversos engenhos, hoje abandonados ao tempo. Podemos observar tal fato muito bem nos municípios de Monte Alto e Guanambi, sendo que no primeiro, vimos o maior engenho de farinha, abandonado entretanto. Hoje a fazenda dedica-se exclusivamente à criação, por ser esta mais rendosa e não se precisar de muitos braços para movimentar o capital.



Fig. 42 — Carro de boi, tipo de transporte comum na zona próxima à Fos Curral do Meio.

(Fot. A. DOMINGUES)

Assim existem fazendeiros com 300 cabeças de gado, outros com 600 chegando até a 800. O gado vive solto na "vereda", como chamam em Monte Alto a vegetação, e vai beber água nas lagoas das fazendas. Poucos cercam as suas terras construindo grandes pastos. Só possuem pastos pequenos onde colocam as vacas de cria e os bezerros. Administra a fazenda um vaqueiro, que algumas vezes tem um ou dois auxiliares. O gado é todo mestiço de um modo geral, sendo raros os que possuem gado de raça; só vimos gado raçado com zebu, em Pajeú dos Ventos.

Os vaqueiros aqui possuem a clássica vestimenta de couro tão característica do homem da caatinga nordestina.

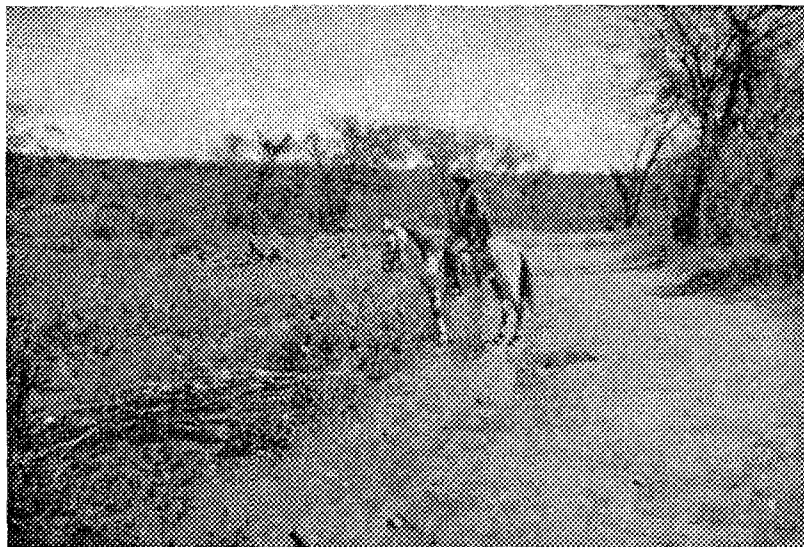


Fig. 43 — Vaqueiro com a vestimenta característica de couro, nos arredores de Monte Alto.

(Fot. A. DOMINGUES)

Semanalmente, na cidade de Monte Alto, são vendidas inúmeras cabeças de gado, cujo couro, depois de curtido, é aproveitado, existindo para isso curtumes que utilizam entretanto processos grosseiros.

A agricultura está hoje um pouco abandonada, só as famílias menos abastadas se dedicam exclusivamente a ela. Ora se situa no sopé da chapada, como observamos no trecho Itaguaçu-Monte Alto, onde se observam então as roças de mandioca, algodão, milho e mamona. A cana só excepcionalmente, devido à falta d'água.

Da mandioca fabrica-se a farinha que é levada para ser vendida nas feiras e que toma parte ativa na alimentação; o algodão é levado para onde existem usinas beneficiadoras donde é exportado. Aqui não se observam mais aqueles teares caseiros, tão característicos do chapadão da margem esquerda do São Francisco, pois esta região já é mais rica do que a outra; eles compram os seus tecidos no "comér-

cio".* Da mamona se extrai o óleo, que serve como combustível, substituindo o querosene, tão raro devido à guerra. O óleo é colocado numa vasilha em que se queima tecido de algodão que fornece iluminação chamada luz de candieiro. Na margem da estrada situam-se as casas, duas ou três mais ou menos próximas, onde moram os agricultores. As casas são de pau-a-pique com telhas de canal, pequenas, com 3 a 4 cômodos, sala, dois quartos e quarto dos guardados, que é ao mesmo tempo celeiro. O agrupamento, quando se desenvolve, pode constituir um pequeno povoado, como ocorre próximo a Monte Alto e se denomina Picada do Zuza.

Na planura, próximo a certas lagoas o mesmo se verifica, sendo que agora já são plantadores menores, mas o tipo de lavoura é o mesmo.



Fig. 44 — Rometros acampados nos arredores de Riacho de Sant'Ana. Cobriram o carro de boi com couro para abrigarem dos ardentes raios do sol as crianças e as mulheres.

(Fot. A. DOMINGUES)

Os processos para trabalhar a terra são os mais rudimentares, poucos possuem arados. A tendência é o desaparecimento da atividade agrícola e a orientação da atividade para a pecuária. Apesar disso verifica-se que, devido às necessidades, principalmente em torno dos grandes centros como Monte Alto, Guanambi, Riacho de Sant'Ana, Itaguaçu, Matina, Bonito, etc., se encontra um novo ciclo mais recente que cada vez toma maior vulto: é a agro-pecuária.

Verificamos que quanto mais montanhoso é o município desta zona tanto mais densamente povoado, devido, certamente, ao maior número de fontes que aí existem e ao fato das elevações evitarem a ação dos ventos secos. Assim temos a tabela seguinte:

* Assim são denominadas as localidades onde existe comércio.

<i>Municípios</i>	<i>Densidade de População</i>
Riacho de Sant'Ana	5,26
Monte Alto	1,82
Guanambi	9,58

Monte Alto está situado em parte na planície, poucas elevações apresentando, enquanto Riacho de Sant'Ana e Guanambi são muito populosos, devido ao grande número de elevações que possuem. Temos entretanto que salientar aqui, que existem outros fatores importantes influenciando, assim Riacho de Sant'Ana e Guanambi estão na estrada de rodagem para Bom Jesus da Lapa, que é a estrada de Romeiros, cousa que certamente influi muito. Guanambi tem um outro fator muito importante: é um entroncamento rodoviário; daí partem estradas para Bonito, Riacho de Sant'Ana, Monte Alto, Caitité e Urandi; isto certamente concorreu de uma maneira bem pronunciada para o desenvolvimento deste município, tornando-o bem habitado. Com este desenvolvimento ampliou-se a indústria, existindo aí na cidade de Guanambi duas usinas beneficiadoras de algodão, uma do governo e outra particular.

A menor densidade de Riacho de Sant'Ana, apesar de ser bastante montanhosa, está ligada ao fato das suas montanhas terem a mesma orientação dos ventos secos.



Fig. 45 — Uma caravana de romeiros no município de Riacho de Sant'Ana, na estrada da Lapa. Estes protegem os carros com cortinas de pano e cobertores de couro.

(Fot. A. DOMINGUES)

Tôda a circulação da zona é feita pelas estradas. Encontramos aí estradas de rodagem. Na parte sul, o município de Urandi será beneficiado pela Estrada de Ferro Leste Brasileiro, cujo movimento de terra já se acha bem adiantado. Aliás, já se pode notar os benéficos influxos dêste trabalho grandioso com a construção de numerosas casas na cidade e uma maior atividade nos negócios. Com o tempo não só a cidade mas também grande parte desta zona serão beneficiadas, direta ou indiretamente pela via férrea.

Dentre os veículos usados, um começa a destacar-se devido à maior riqueza desta zona: é o caminhão; parte do transporte é feito em caminhões que os naturais chamam "máquinas". Em Guanambi chegamos a contar 3 automóveis particulares e vários caminhões nas ruas, o que reflete a maior riqueza da zona. Entretanto, ainda encontramos aqui, em grande número, aqueles meios de transporte primitivos, porque a construção e a conservação de um sistema rodoviário são muito dispendiosas e não haveria lucro, lucrando-se muito mais com o lombo de animal e o carro de boi. Contribui também o pequeno número de "máquinas" e o elevado preço do transporte.

Passaremos agora a estudar ligeiramente os aglomerados humanos desta zona.

Monte Alto: que antigamente se designava Palmas de Monte Alto, cidade ora bastante decadente, dominou quase tôda esta zona; hoje está com o seu casario abandonado, com casas caídas, arruinadas. Foi muito danificada pelos jagunços, que antigamente eram aí numerosos. Havia uma usina beneficiadora de algodão mas devido a causas que não pudemos investigar, teve que fechar. A cidade apresenta uma feira semanal que é bastante concorrida. Ela está situada na ponta da

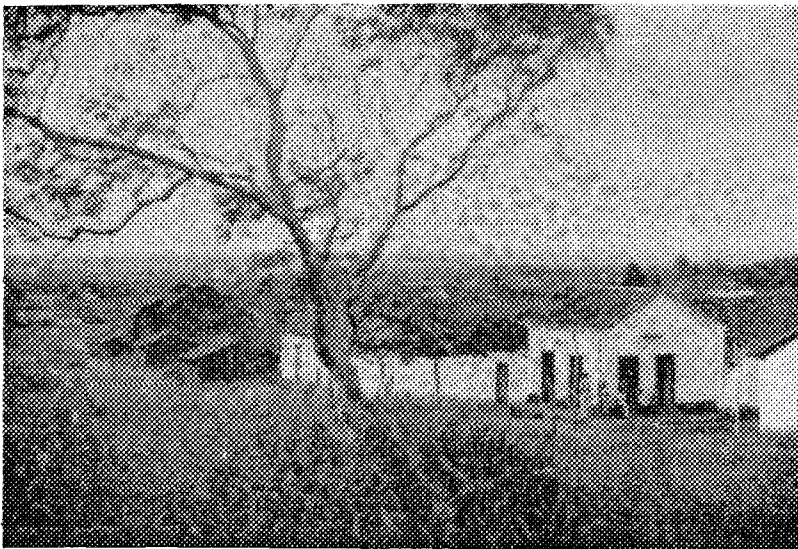


Fig. 46 — *Monte Alto está no limite da zona dos contrafortes com a dos vales. Vê-se ao longe a planura do vale.*

(Fot. A. DOMINGUES)

serra do mesmo nome, em frente de um boqueirão por onde desce um pequeno córrego acompanhado por coqueiros donde vem o seu nome "Palmas". Este córrego é que fornece o precioso líquido aos moradores. Em tôrno da cidade encontram-se numerosos pastos cercados, onde se vêem algum gado de raça, algumas roças de cana e outras lavouras.

Talvez, com o término da guerra, maior facilidade nos meios de transporte, o tráfego mais constante de caminhões e baixa do custo de vida, seja possível um ressurgimento desta cidade. Urge fazer ligação rodoviária a Malhada e também aos seus distritos. A sua posição atual não favorece o desenvolvimento e parte da culpa disso cabe às administrações municipais passadas que não se interessaram pelo seu progresso.

Itaguaçu: situa-se no sopé da serra de Monte Alto, na margem de uma lagoa, às expensas da qual se desenvolveu. É vila do município de Guanambi e liga-se a esta cidade por uma estrada de rodagem, que se prolonga até Monte Alto. Deve o seu progresso à sua situação geográfica, no sopé da serra, que torna mais valiosas as suas terras e também por ser entroncamento de estrada: daí parte uma estrada de tropa que se destina a Gameleira e Umburanas, centralizando destarte as atividades desta parte da zona. Possui uma usina de beneficiamento de algodão, que concentra parte das atividades dos habitantes desta cidade. Possui um pequeno mercado que semanalmente recebe a visita dos habitantes das redondezas que trazem sua farinha, carne-de-sol, feijão, algodão, rapadura, gado vacuum, para vender, tal como se observa nas feiras dos outros lugares da zona.

Pela manhã observamos na vila grande atividade no pessoal que ia fazer as suas provisões d'água na lagoa. Vêem-se latas d'água na cabeça, pipas em jumentos, etc.

Guanambi: é uma das maiores cidades da região e deve a sua importância ao fato de ser um entroncamento rodoviário. Possui duas usinas de beneficiamento de algodão: uma federal e outra particular. Está situada na margem da lagoa do mesmo nome. Possui um casario em bom estado, com várias praças. Muitas das casas aqui já possuem rádios, o que é um indício de progresso e maior cultura. Encontramos aí vários caminhões e automóveis ("as máquinas" como os habitantes da zona os chamam), que demonstram mais uma vez o maior adiantamento da cidade. O desenvolvimento desta cidade primitivamente foi devido ao fato de ser ela ponto de pousada na estrada de romeiros que demanda Lapa. Esta cidade apresenta uma grande atividade comercial.

Urandi: não temos muitos dados sôbre esta cidade, porque não tivemos oportunidade de visitá-la. Temos, pois, que lançar mão de informações, e só quando o relatório de um nosso companheiro que passou a serviço aí chegar às nossas mãos, é que poderemos completar a nossa nota preliminar. Esta cidade com a construção da estrada de ferro tem-se desenvolvido muito. Muitas casas novas foram construí-

das, entretanto, com a chegada de mais pessoas, elas tornaram-se insuficientes e apresenta-se o problema das acomodações de uma maneira grave. Com o afluxo desta corrente o movimento de Urandi acentua-se tornando-se bastante importante quanto ao seu movimento comercial. Entretanto, é uma situação passageira, pois esta corrente não se fixa, passa, e a cidade num futuro próximo terá o seu comércio abalado, para somente ressurgir, quando chegarem os trens (as "cabeças de fogo" como são chamados). Esta cidade é iluminada por energia elétrica, aproveitando-se a queda d'água da Boa Vista do rio da Raiz. Está encravada entre montanhas nas margens daquele rio, que desce da serra das Almas, contraforte do Espinhaço. Aí passa a estrada de rodagem que vai a Espinosa em Minas.

Ceraíma: situada na margem da lagoa do mesmo nome; é uma lagoa perene com uma profundidade média de 5 a 7 metros de forma mais ou menos arredondada. Está ligada por estrada de rodagem a Guanambi. É sede de distrito do mesmo nome, do município de Guanambi.

Matina: está quase na orla da baixada na margem de uma grande lagoa. É ponto de passagem da estrada de rodagem Guanambi-Riacho de Sant'Ana. Está localizada na rota dos romeiros que demandam Lapa, devendo a isso parte do seu progresso. Possui a praça central onde estão a capela e o mercado, e em redor se distribuem segundo um arruamento mais ou menos regular as clássicas casas de adôbe e pau-a-pique. O seu comércio é muito pequeno, não havendo quase casas de negócio. Em tôrno desta vila se distribuem as fazendas de criação, aproveitando as grandes lagoas das circunvizinhanças. Esta vila está quase no limite da parte norte da zona.

Pajeú dos Ventos: pequeno povoado do município de Caitité, situado num grande anfiteatro cercado de montanhas. Está situado no fundo da planura; mais para o interior encontramos uma grande lagoa de água bastante salobra. Possui uma usina de beneficiamento de algodão. É uma zona própria para a criação de gado, o qual lambe o sal que existe no solo, tornando-se, por isso, bastante sadio. Foi aí que encontramos um maior número de animais de raça. Causa curiosa são as casas; na maior parte elas estão sempre fechadas devido aos fortes ventos que aí sopram e aos quais já nos referimos. Devido à sua situação topográfica em um verdadeiro boqueirão, o vento toma uma violência bem pronunciada que aumenta durante a noite. Não se encontra quase agricultura, talvez devido ao sal do solo.

Riacho de Sant'Ana: cidade bastante favorecida pela estrada de romeiros, pois é ponto de pousada obrigatório. *Passa agora por um renascimento* já se notando alguns edifícios novos. Está situada à margem esquerda do riacho do mesmo nome que, pouco acima da cidade, apresenta uma cachoeira que pode ser aproveitada para energia hidráulica. O rio aí na cidade apresenta vários antigos meandros um dos quais abandonado. No lóbulo dêste antigo meandro localiza-se



Fig. 47 — *Pajeú dos Ventos. Vêem-se o Mercado e mais ao fundo as primeiras elevações do Espinhaço.*

(Fot. A. DOMINGUES)

parte da cidade. Em seu redor situam-se várias fazendas de criação; são muito numerosos os pastos, que são alugados aos romeiros. A montante de Riacho de Sant'Ana encontra-se a localidade de Sant'Ana lugar onde se desenvolve bastante a agricultura com a lavoura de cana, arroz, mandioca, feijão, etc. Aí encontramos novamente engenhos. Estamos novamente no sopé da outra zona: o Espinhaço.

Um grave problema que apresenta esta zona é estar sujeita à sêca, principalmente a parte central. Os alísios secos tornam mais desagradáveis os seus efeitos, ressecando as plantas que os agricultores com muito custo, conseguem cultivar. Para remediar a sêca, os particulares têm construído vários açúdes, dêles se destacando os seguintes:

Açude Gonçalo na sede do município de Guanambi com uma capacidade de 50 000 metros cúbicos.

Açude da Pedra Fincada no distrito de Itaguaçu, com a capacidade de 192 000 metros cúbicos.

Açude do Cubículo, no mesmo distrito, com a capacidade de 240 000 metros cúbicos.

Açude do Caldeirão no distrito de Ceraíma, com uma capacidade de 150 000 metros cúbicos.

Tais açúdes, entretanto, são ainda insuficientes, urgindo que surjam outros. Com isso poderá ser possível o renascimento da agricultura, hoje tão decadente na zona, devendo ser construído um sistema de irrigação dos terrenos das suas margens, possibilitando aos lavradores trabalhar a terra durante todo o ano.

Zona do Espinhaço

Quando se sobe uma das elevações da zona dos contrafortes e se lança a vista para leste, vê-se no primeiro plano uma série de pequenos morros e no fundo, erguendo-se como uma muralha mais ou menos da mesma altitude, surge uma gigantesca serra que domina tôdas as outras, e se estende por todo o horizonte na direção norte e sul. Tem a forma aproximadamente retilínea. Tal é o primeiro aspecto da zona do Espinhaço que o viajante tem quando vem do São Francisco.



Fig. 48 — Vista da zona do Espinhaço ao longe tomada de uma das elevações dos contrafortes pouco antes da cidade de Guanambi, na estrada da linha telegráfica para Monte Alto. É notável a regularidade dos seus cimos parecendo, de longe, uma chapada. •

(Fot. A. DOMINGUES)

Quando nos aproximamos, êste aspecto modifica-se ligeiramente: surgem pequenas reentrâncias que são aproveitadas pelo homem para penetrar nesta zona, são os vales dos encachoeirados cursos d'água que dela descem. Em seu conjunto a serra do Espinhaço está limitada pela parte leste, por uma linha de declive abrupto que sugere uma falha e no seu conjunto é uma sucessão de espigões paralelos, bastante elevados e de declive suave, podendo seus cimos alcançar a mais de 1 000 metros de altitude. É o *divortium aquarum* entre as águas que drenam para os afluentes do São Francisco e as que drenam para os afluentes do rio de Contas.

Êste conjunto de espigões alongados ao norte é muito erodido pelo rio Santo Onofre e afluentes, decompondo-se em serras alongadas mais ou menos da mesma altitude como se vê entre a cidade de Riacho de Sant'Ana e a localidade de Lagoa Real em que encontramos 2 destas serras. Aí nesta parte da zona a rede hidrográfica (do Santo Onofre

e afluente dêste) trabalhando rochas mais tenras, seccionou estas serras, que no seu todo constituem ainda um conjunto homogêneo. Tal é o aspecto da zona do Espinhaço na sua parte ocidental.

Quando entretanto lançamos o olhar para o norte e o centro-orientado da zona, surge outro panorama: encontramos entre êste maciço que descrevemos e um outro bem elevado, a leste, onde está o pico das Almas, uma depressão que ao norte da zona é bem larga, depois se estreita no divisor (São Francisco-rio de Contas), alargando-se em seguida já na bacia do rio de Contas, que rompe a serra distante por um gigantesco boqueirão. Depois a planura começa a estreitar-se, começa a elevar-se pouco a pouco até que atinge o município de Caculé em que se apresenta já bastante acidentada com pequenas serras. Continuando por ela atingimos insensivelmente as elevadas altitudes da parte montanhosa da zona.



Fig. 49 — Vista da escarpa da zona do Espinhaço no caminho Riacho de Sant'Ana-Riacho do Paul. Na sua parte mais elevada encontramos o cerrado que está ligado às rochas quartzíticas. Na parte elevada encontramos campinas.

(Fot. A. DOMINGUES)

Nesta depressão encontramos montanhas alinhadas bem mais baixas entretanto. Ao norte da zona vemos entre os afluentes do Santo Onofre remanescentes elevadas das altas montanhas da zona, que se prolongam com altitudes já muito esbatidas indo atravessar o São Francisco em Rio Branco, constituindo na outra margem a serra do Boqueirão.

Atravessando a depressão por onde corre o Santo Onofre encontramos o outro maciço que com o primeiro prossegue da mesma forma para o norte indo atravessar o São Francisco em Morpará, constituindo o seu prolongamento na outra margem a serra do Estreito. Entretanto não pudemos percorrer tôda esta área que nos parece constituir uma zona à parte, por não fazer parte do programa da expedição.

A depressão continua para o sul, mas é aí mais acidentada com inúmeras montanhas paralelas que movimentam mais a paisagem. Para explicar esta diferença na paisagem temos que procurar a estrutura da rocha e as conseqüências do trabalho erosivo dos rios desta área. Ao norte o rio Santo Onofre e afluentes trabalhando paralelamente à direção das camadas, encontraram rochas mais tenras que erodiram ativamente originando-se esta parte da depressão. Entretanto, ao sul da depressão, os rios correm perpendicularmente à direção das camadas, daí surgirem serras paralelas, e os rios as rompem por boqueirões às vezes bastante apertados sendo que o mais imponente é um que se vê à distância onde o rio de Contas rompe aquêle outro ramo do Espinhaço.

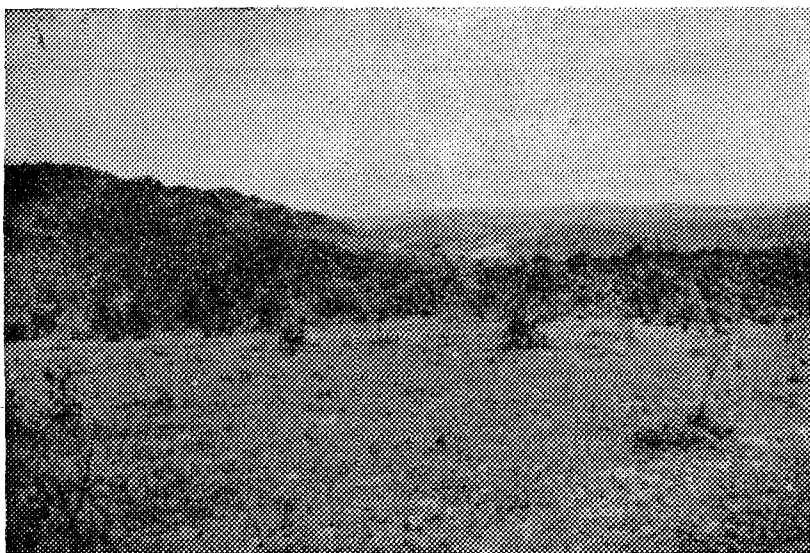


Fig. 50 — Vista panorâmica dos arredores de Jacaraci. A vegetação é representada pelo cerrado que nas partes mais elevadas evolui para campinas nativas.

(Fot. A. DOMINGUES)

Esta zona, devido ao regime de chuvas de verão, está sujeita a um período de seca. O solo arenoso da parte elevada funciona como um reservatório e fornece bastante água, de modo que os rios desta parte são rios perenes. Entretanto olhando-se a depressão, verificamos que esta é bastante seca, em virtude dos ventos alísios que descem da serra do Espinhaço. Tal diferença entre estas duas partes da zona reflete-se na vegetação: assim na zona elevada encontramos uma formação florística com muitas canelas-de-ema (*Vellozia sp.*), gramínea do gênero *Andropogon*, *Aristida*, etc., cagaita, pau-de-terra (*Qualea grandiflora*), mangaba (*Hancornia speciosa*).

Verifica-se a predominância das velosíáceas e das gramíneas nas partes mais elevadas, enquanto os arbustos se tornavam mais comuns à proporção que se desce. Esta vegetação surgiu assim que abandonamos o solo arqueano e penetramos em solo resultante do

quartzito. Tem tôdas as características da vegetação que encontramos no outro lado do São Francisco nas chapadas e na serra de Monte Alto, é um cerrado.

Nos vales que se aprofundam bastante vemos ainda florestas galerias como nas redondezas de Caitité.

Quando se desce para a depressão a vegetação passa a caatinga, semelhante à da zona dos contrafortes, com aquêles elementos florísticos, surgindo mais os seguintes que têm papel destacado nesta associação vegetal: o quiabento * que é utilizado como cêra viva; surge o ouricuri (*Cocos mucronata*) de cujas fôlhas se retira o pó, que depois de fundido, dá como resultado a cêra de ouricuri que tem as mesmas aplicações da cêra de carnaúba.

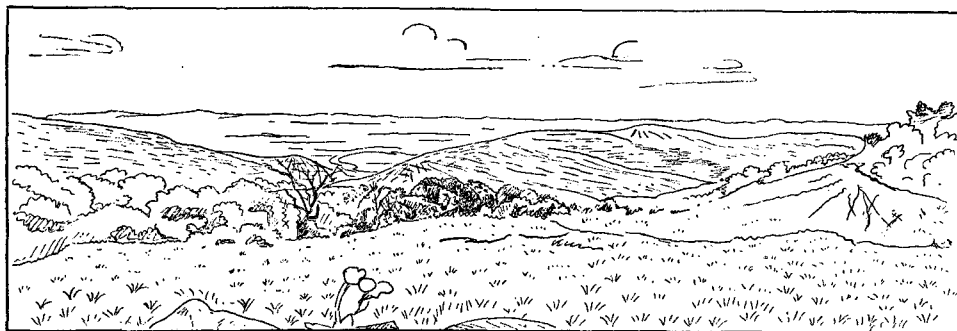


Fig. 51 — Na vertente oriental encontramos a grande depressão do rio de Contas. A vegetação foi destruída parcialmente e uma espécie de mata-capoeira resta em alguns pontos. Nos vales encontramos ainda matas-galerias. As partes elevadas tendem a campinas, entretanto o solo sendo granítico favorece a presença de outras espécies.

(Desenho de uma fotografia)

O governo tomou medidas para evitar a sua destruição, estabelecendo leis para regulamentar a exploração. É o principal produto vegetal de exportação depois do algodão no município de Caitité. Entre outros produtos que se encontram nesta zona, destacamos na parte alta: a borracha de mangaba e o tucum que dá uma ótima fibra.

Verificamos que nos solos em que a rocha matriz é pobre de sílica, rica de argila e onde existe água, a lavoura se desenvolve muito como se pode ver nos arredores de Caitité a leste, em Santa Luzia e em Canabrava que se dedicam quase que exclusivamente à cana de açúcar; em Lagoa Real, Ibiaçucê, Lagoa Clara, em virtude dos terrenos serem mais pobres em água, pois estão na parte baixa da depressão, desenvolve-se algodão em primeiro plano, seguido de mandioca e outros produtos que são na maior parte consumidos no local. Nas margens dos rios afluentes do rio de Contas, em Rio do Antônio, Caculé, Paiol e Irundiara há dois tipos de cultura, a cultura molhada e a cultura seca. Aproveitam-se os sedimentos dos rios e as margens das lagoas.

* (*Peireskia Zehneri*).

Diminuindo a porcentagem de sílica no solo, verifica-se o aparecimento de numerosas culturas, surgem casas de lavradores e quando há um riacho perene ou uma lagoa maior formam-se povoados, que se dedicam quase unicamente à lavoura; como exemplo do primeiro caso temos Santa Luzia, Canabrava dos Caldeiras no município de Caitité e Paiol, município de Jacaraci, que se entregam quase exclusivamente à lavoura de cana de açúcar; encontram-se nos seus arredores numerosos engenhos notando-se uma atividade febril de trabalho agrícola. Quando o rio não é perene, constroem-se pequenas barragens onde o gado que vive geralmente à solta vem beber água; e cercam-se outras de água melhor para o homem beber. Quando começa a faltar a água, o terreno é mais sêco, a lavoura muda um pouco, surge a lavoura que não precisa de muita água; encontramos então como principais produtos

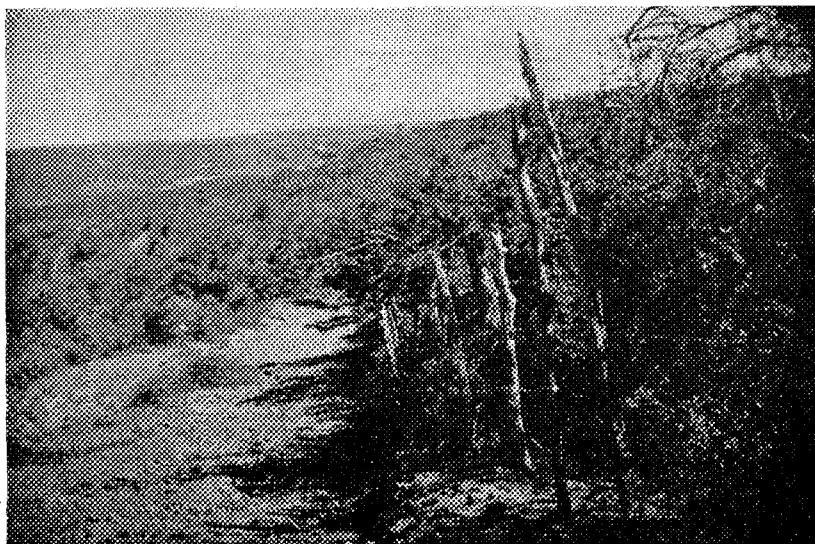


Fig. 52 — Vista dos arredores de Caitité, vendo-se o profundo vale onde está a cidade.

(Fot. A. DOMINGUES)

o algodão e a mandioca, conforme se vê em Ibiacucê, Rio do Antônio, entretanto estas localidades ainda se dedicam à lavoura molhada quando chega a época das águas. Verificamos que na parte norte da depressão, a vegetação é mais sêca, existindo aí vários pequenos açudes construídos por particulares como tivemos ocasião de observar nos arredores de Lagoa Clara, em Macacos, Maniaçu; no sul a ação dos ventos secos não se faz sentir muito fortemente, talvez devido ao grande boqueirão que o rio de Contas faz no ramo da serra do Espinhaço onde está o pico das Almas. Entretanto faltam dados de estações pluviométricas que poderiam comprovar o fato pois existem ainda poucas nesta zona.

Ao sul a agricultura é bem mais desenvolvida que ao norte da parte baixa da zona. Certas localidades do sul, cujas atividades estão dirigidas para a agricultura se localizam em terraços do rio cortados

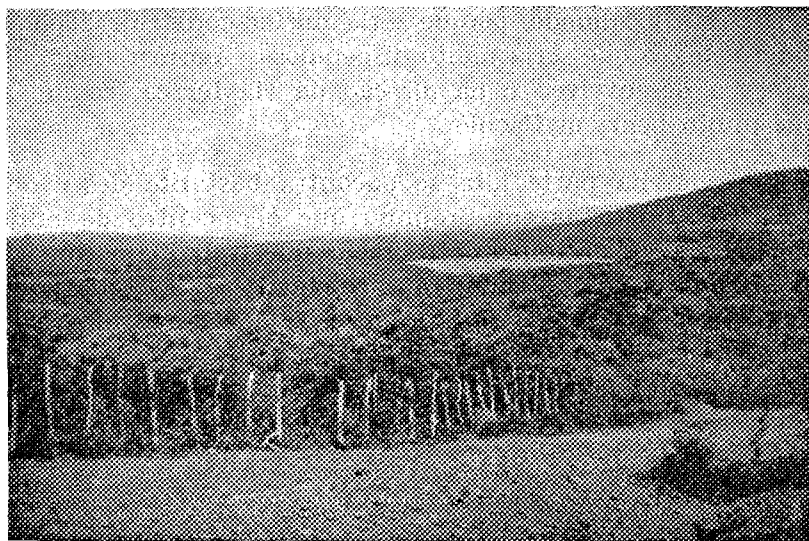


Fig. 53 — Pouco depois de Caitité, o vale inflete para o sul e segue encaixado pelas serras paralelas do tipo Hog-Back.

(Fot. A. DOMINGUES)

por sacados, situando-se bem próximo dos terrenos das vazantes do rio, ótimos para agricultura. Quando êstes terrenos são bem extensos, desenvolveram-se pequenas localidades como Paiol situada a uns 8 metros do nível do rio. Outras localidades semelhantes vemos a jusante já no rio do Antônio e são Caculé e Rio do Antônio localizadas também em terrenos cortados por socalco. As conseqüências más da sua situação salientaram-se com a construção da estrada de ferro que não poderá

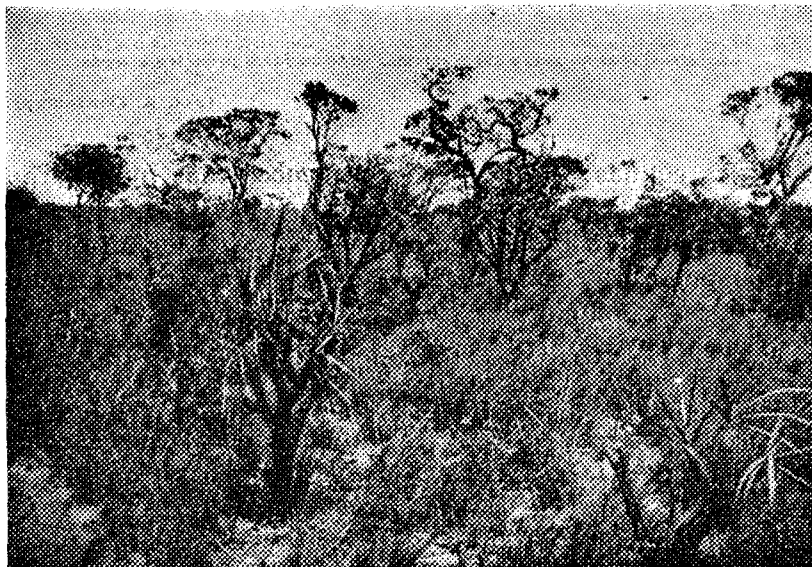


Fig. 54 — Cerrado pouco após subir a serra de Sant'Ana para o rio do Paul a vegetação evolui para campinas, encontrando-se de interessante a canela-de-ema.

(Fot. A. DOMINGUES)

passar por esta localidade, porque seria mister construir 2 pontes em cada uma delas, o que seria muito dispendioso. Agora tendem as duas localidades a desenvolver-se na direção da via férrea, como se pode observar muito bem em Caculé.

Nesta zona, na parte alta se encontra bastante desenvolvida a exploração de ametistas em Brejinho que é o centro de mineração atual; aí moram os garimpeiros (homens que trabalham com a terra, segundo os habitantes da zona). As principais jazidas estão a jusante do riacho que passa por Brejinho; e aí se está fazendo um verdadeiro

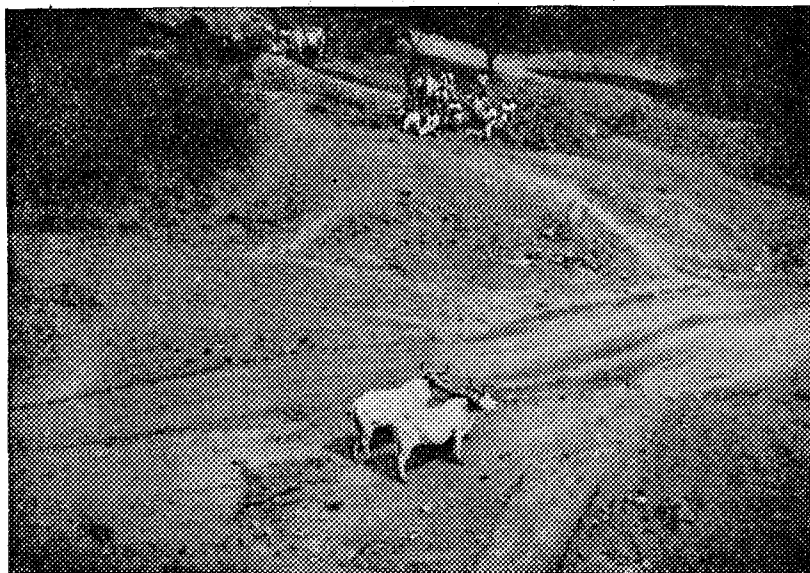


Fig. 55 — Trabalho de transporte dos seixos de ametistas próximo a Brejinho. São arrastados no carro até o terreno onde se faz a primeira seleção.

(Fot. A. DOMINGUES)

desmonte das colinas. Os seixos que se encontram numa argila são retirados e arrastados em couros puxados por bois. As partes aproveitáveis são depois quebradas e procuradas. Existe em Brejinho uma oficina de lapidação. As ametistas pouco inferiores são queimadas em borralho e delas se obtêm os falsos topázios. São célebres nos maiores centros de pedras as ametistas desta localidade.

A maior cidade da região é Caitité que, enfretanto, em breve, cederá lugar a Caculé por esta última ter sido beneficiada com a construção da via férrea, que ligará a Leste Brasileiro à Central do Brasil. Esta ferrovia cortará a parte sul da zona, subindo pelo rio do Antônio e passando pelas localidades: Rio do Antônio e Caculé subindo pelo rio do Salto e daí buscando o "saco" da Onça, descendo para Urandi. Os trabalhos da estrada já se acham bem adiantados, estando pronto todo o movimento de terra e os primeiros dormentes empilhados em Caculé. Com a construção da estrada de ferro, verificou-se um movimento inten-

so de população, poucos, porém, se fixaram. Vieram quebrar o rotinismo da pacata vida destas localidades; devido a isso os preços subiram muito; houve o êxodo dos lavradores para o trabalho na estrada de ferro, tornaram-se “garimpeiros” (porque trabalham com terra, dizem os naturais) pois os salários da estrada eram mais compensadores. O preço de um animal subiu muito; os produtos de lavoura tornaram-se escassos devido à falta de braços.

Os rios que correm para o rio de Contas apresentam o curso cheio de meandros; são rios cujo curso superior está prestes a atingir o perfil de equilíbrio. Aí se encontram inúmeras lagoas em crescente as quais possibilitam o desenvolvimento de fazendas de agricultura e lugarejos.

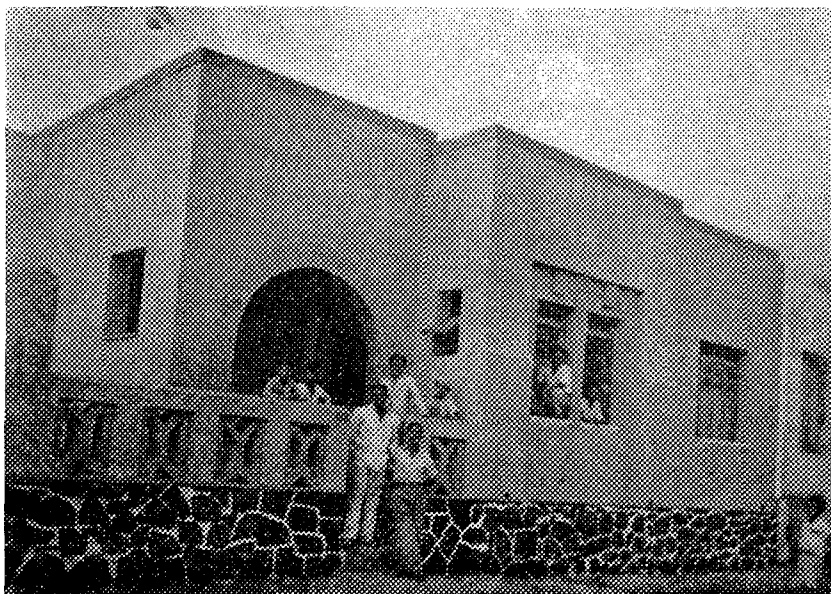


Fig. 56 — Com a próxima chegada de trilhos a Caculé, ativou-se muito a febre de construções que reforma a cidade. Aqui temos uma das casas por sinal bastante moderna.

Esta zona está cortada por um sistema de estradas de rodagem, que garante uma circulação mais perfeita do que nas outras zonas. Assim de Caitité temos uma rodovia que vai para Bonito, na zona dos contrafortes; outra parte para Guanambi; outra para Brejinho indo daí para Umburanas; existe uma que vai para Brumado que atualmente está sendo melhorada. Outra rodovia existe acompanhando a via férrea; indo de Brumado passa por Rio do Antônio, Caculé, Jacaraci e daí vai a Urandi.

De Jacaraci pouco adiante na estrada de rodagem que vai para Caculé sai uma outra para Condeúba nas proximidades de uma lagoa próximo à foz do riacho dos Araças no rio Gavião. Graças a êsse entroncamento desenvolveu-se aí uma localidade *Irundiara* e as estradas de rodagem influíram tanto no arruamento da localidade que a forma da praça central é sub-triangular de cujos vértices saem as estradas

para aquelas 3 cidades. Os outros tipos de estradas existem em bastante quantidade e constituem geralmente uma intrincada rede de estradas carroçáveis, contrastando com as outras zonas.

Entre os meios de transporte, os caminhões tomam maior vulto, mas ainda se vêem tropas de 10 a 30 animais carregando fardos no meio das estradas, tendo à frente a madrinha com um colar de chocalhos; todos os animais são ferrados, diferindo das outras zonas estudadas. Também se encontram carros de boi em quantidade, principalmente nas partes mais agrícolas.

Em breve chegarão as locomotivas (as "cabeças de fogo") e então a parte sul da zona se desenvolverá muito, e abrir-se-ão para ela novas perspectivas.

Os seus produtos são quase na totalidade consumidos pelos mercados da zona. A criação é feita em pequena escala e o gado é exportado para Jussiapê, Jequié e Feira de Sant'Ana. O algodão é quase na totalidade enviado para a praça de Salvador e sofre antes o beneficiamento em usinas que existem na zona. As localidades mantêm relações comerciais com as praças do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador.

Verificava-se antigamente um movimento de população para São Paulo, agora entretanto diminuiu com o trabalho da estrada de ferro. Assim mesmo tivemos ocasião de assistir a uma festa devido à chegada de um "paulista", como chamam o indivíduo quando volta ao São Francisco.

O sistema de vendas na zona toda, é a dinheiro e todos os maiores "comércios" têm feiras semanais, dêles se destacando o de Caitité.

O preço do transporte em toda a zona é relativamente baixo, de 25 centavos o saco por quilômetro, aproximadamente.

Passamos agora a fazer um ligeiro estudo das principais localidades da zona.

Caitité: é a principal cidade da zona, muito bem construída com ruas calçadas, várias praças grandes, um arruamento irregular, tendo luz elétrica, cinema, etc. Está a 2 quilômetros do divisor de águas do São Francisco — a 850 metros na bacia do rio de Contas. Devido a esta altitude o seu clima é muito saudável.

Possui muitos edifícios bem construídos destacando-se a Escola Normal, o Observatório Meteorológico e a Catedral.

Possui a melhor feira da zona, podendo ser incluída entre as melhores do Estado, onde se vendem muitas verduras, feijão, arroz, carne, rapadura, frutas, animais, etc.

Caitité foi durante muito tempo a primeira cidade do sertão. E' um importante entroncamento rodoviário, e o maior centro cultural desta região.

Caldeiras: quem viaja da localidade de Macaco na direção de Caldeiras, antiga Canabrava dos Caldeiras, pouco antes de descer para o vale do Caldeiras, distingue contrastando com os outros vales que

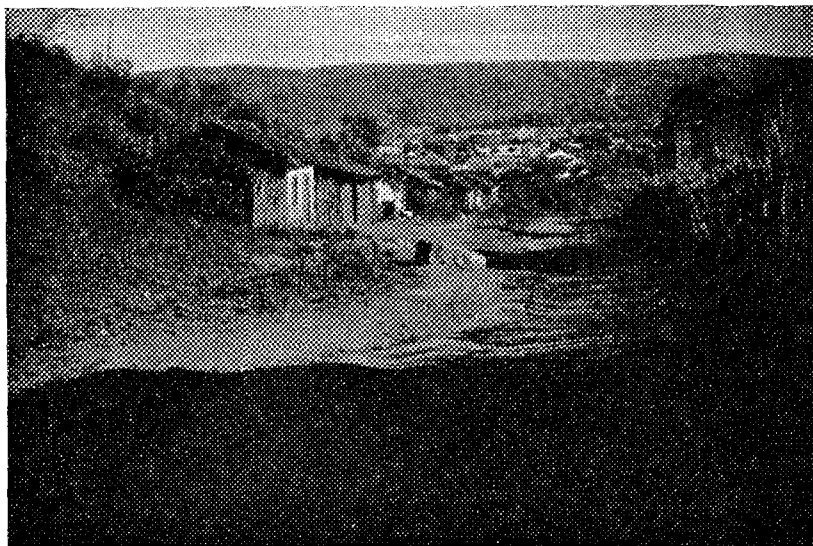


Fig. 57 — Vista de Caitité, vendo-se na serra o Observatório Meteorológico.
A cidade está no fundo do vale a 850 metros de altitude.

(Fot. A. DOMINGUES)

passamos, ser êste um vale muito verde vendo-se uma intensa atividade agrícola, quase que exclusivamente de cana de açúcar donde vem o nome antigo: Canabrava. Num recanto, na margem esquerda do riacho onde se construiu o açude, encontramos a vila de Caldeiras que tem as suas ruas calçadas, suas casas caiadas, com a clássica praça quadrada central e um arruamento irregular. Tem também uma pequena feira.

A explicação para a maior riqueza dêste vale foi encontrada quando estudamos as rochas constituintes do solo. Temos um corte leste-oeste.

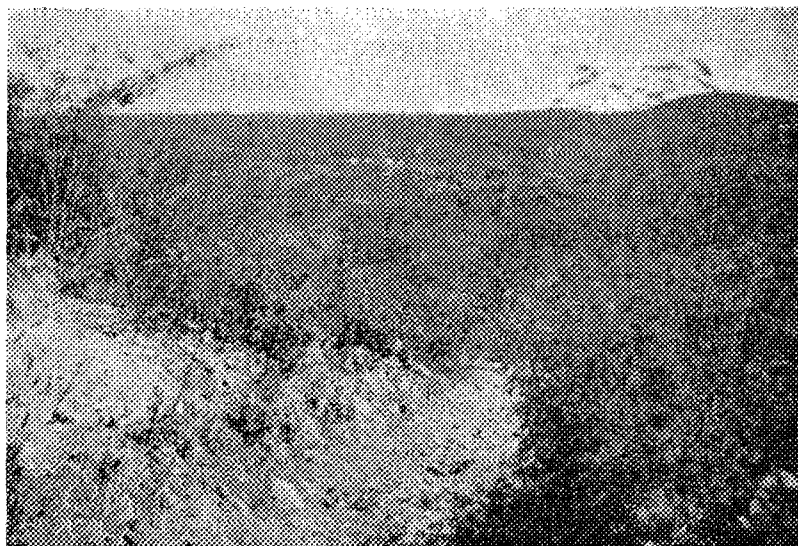


Fig. 58 — Vista de Caldeiras, vila do município de Caitité, situado no fundo de um vale subsequente que corre para um afluente do Santo Onofre. A rocha aqui é quartzítica com cimento argiloso.

(Fot. A. DOMINGUES)

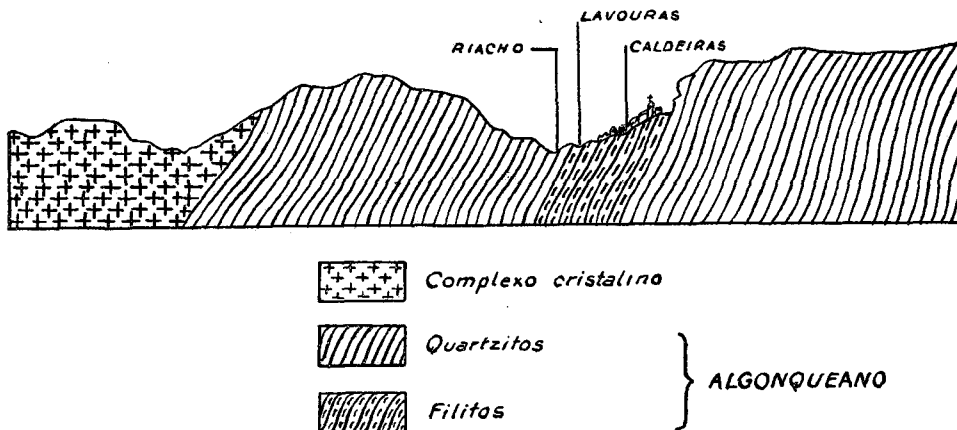


Fig. 59 — Corte geológico da região de Caldeiras.

Vemos que este vale se encontra fortemente povoado na margem esquerda e justamente onde se encontram os filitos, rocha que fornece solo ótimo para as culturas. Aí nesta margem é onde se encontram os inúmeros engenhos de rapadura.

Lagoa Clara: povoado decadente, constando em linhas gerais da clássica praça em quadrado. Está a 2 quilômetros da margem direita do rio Santo Onofre. A cultura principal dos seus arredores é o algodão e a mandioca, exportando muito pouco. Já foi sede do distrito de Macaúbas. Está na parte da depressão, ao norte, e sofre muito com a seca.

Possui muito poucas casas comerciais.

Lagoa Real: situado nas margens de uma grande lagoa, a qual verte para um riacho que desce das montanhas que estão a nordeste. Possui várias praças e o comércio é mais desenvolvido do que no anterior. É ligado por estrada de rodagem a Caitité. Nos arredores deste distrito se cultiva o algodão em quantidade relativa e em menor escala a mandioca, o feijão, o milho, empregando-se geralmente a cultura mista.

Santa Luzia: pequeno povoado a 4 léguas de Caitité. Em torno encontramos uma inteira atividade dirigida para a lavoura principalmente de cana de açúcar. Encontramos ainda vários engenhos de rapadura e de mandioca. Existe neste povoado uma feira semanal. Consta de uma praça quadrada no centro da qual ficam a capela e as casas em volta. Está construída sobre um pequeno terraço de uns 7 metros. É a localidade do distrito de sede do município de Caitité onde vemos maior atividade nas culturas.

Brejinho das Ametistas: é importante centro de pedras semi-preciosas; exploram-se nas redondezas ametistas. Está ligada a Caitité por uma estrada de rodagem. Possui uma oficina de lapidação, 2 capelas. Está encravada entre montanhas bem elevadas, quase no divisor de águas, mais na bacia do rio de Contas. Poucos quilômetros abaixo,

estão as jazidas de ametistas. Encontramos aí várias fazendas antigas e sítios no curso do rio, onde se pratica a lavoura, devido à grande riqueza da argila que envolve os seixos de ametistas, constituindo remanescentes de um antigo ciclo agrícola.

Ibiaçucê: está na parte sul da depressão, no vale do rio das Antas; construída parcialmente sobre um terraço de 7 metros aproximadamente; em tórno encontramos imensos meandros abandonados pelo rio das Antas e aí inúmeras lagoas em crescente. A atividade está dirigida nas redondezas para a agricultura e pecuária. Entretanto quando ainda nas suas redondezas nos afastamos do vale do rio, só persiste a lavoura do algodão que é a principal dêste distrito.

Possui esta vila uma grande praça onde existe uma igreja; em tórno da praça estão as casas. A vila se prolonga no sentido do rio por um arruamento mais ou menos regular; para jusante parte da vila é construída sobre um terraço cortado por um sacado.

Liga-se a Caculé por uma boa estrada distante cerca de 4 léguas, e a Rio do Antônio por uma péssima estrada. Os seus recursos na sua maioria vêm dos férteis vales situados na serra alongada que acompanha o curso do rio.

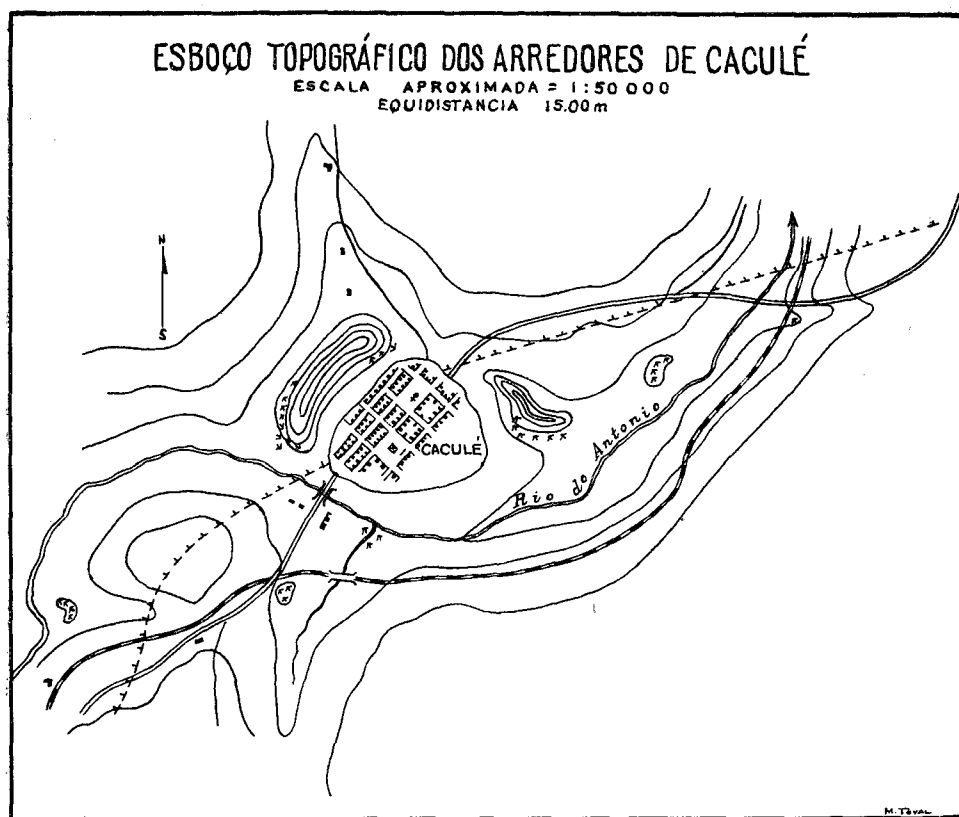


Fig. 60 — Vê-se uma lagoa em crescente num meandro abandonado. A estrada de ferro não passa na cidade porque seria muito dispendiosa a construção de duas grandes pontes para atravessar o rio do Antônio.

Rio do Antônio: é uma próspera vila situada sôbre um terraço seccionado por um sacado. Parece que os terrenos em volta eram utilizados para a agricultura, entretanto nota-se um abandono e o ciclo agrícola cedeu lugar ao da pecuária. Consta, como as outras, de uma praça quadrada e um arruamento mais ou menos regular. Afastando-nos do vale do rio temos as fazendas com as atividades concentradas na lavoura do algodão e mandioca principalmente. Parece que a estrada de ferro retirou os braços da lavoura, entrando esta em decadência.

Esta vila foi grandemente prejudicada devido à sua construção no terraço isolado, quando veio a estrada de ferro, pois esta passará a uns 2 quilômetros.

Caculé: é uma grande cidade localizada nas margens do rio do Antônio num terraço isolado por um socalco como se pode ver no croquis topográfico anexo. Devido a isso foi esta localidade também prejudicada, pois a estrada de ferro não pode passar por ela. Verifica-se atualmente o desenvolvimento da cidade na direção da futura estação na outra margem, já se vendo aí inúmeras casas novas.

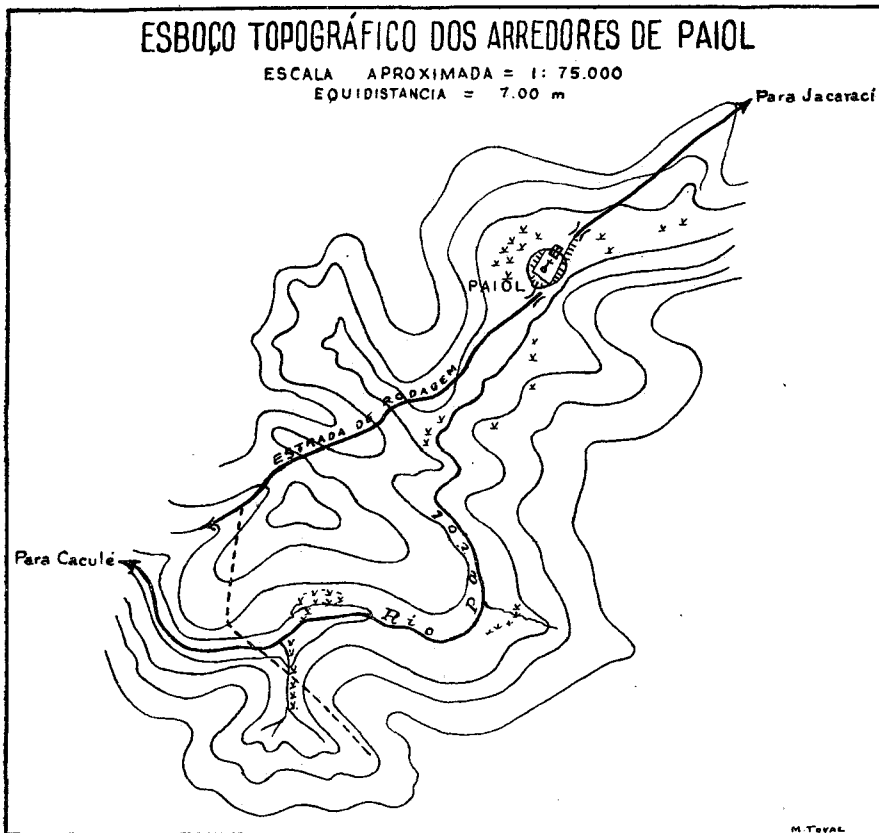


Fig. 61 — Vê-se uma lagoa em crescente e um terraço isolado por um socalco.

Esta cidade é bastante regular com duas grandes praças: a do mercado e a da igreja. Não tem entretanto luz elétrica mas com a construção de barragem do rio do Salto esperam os habitantes ter energia elétrica.

Com a construção da estrada de ferro esta cidade se desenvolverá muito; já se notam muitos influxos benéficos, como a construção de inúmeras casas, passando a cidade por um remodelamento total.

Paiol: interessante vila do município de Jacaraci; situada sobre um terraço de 5 metros, nas margens do rio Paiol, consta da clássica praça quadrada e um prolongamento do arruamento no sentido da estrada de rodagem para Jacaraci como podemos ver no croquis (fig. 62).

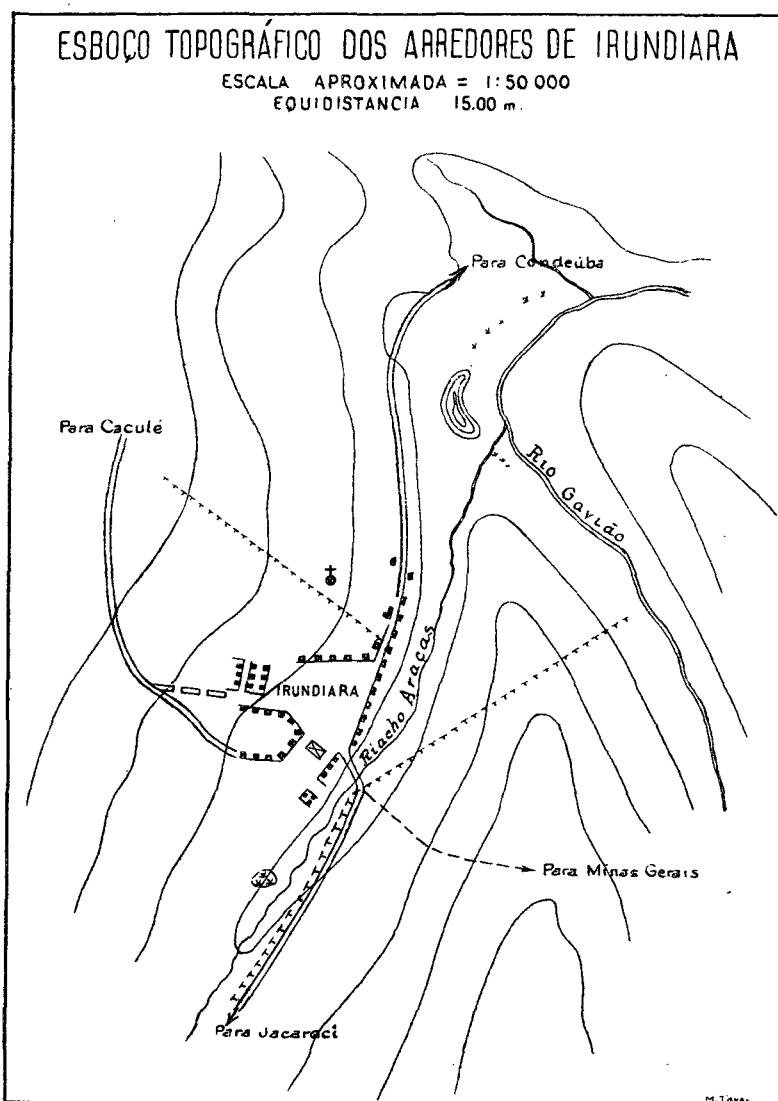


Fig. 62 — Ve-se o povoado de Irundiara que tem a forma sub-triangular devido à influência de três estradas de rodagem. Pelo mesmo motivo foge à forma clássica da praça quadrada.

Aí, no centro da praça, temos a pequena capela e ao lado o mercado. Nesta praça se realiza semanalmente uma feira. A principal atividade dos moradores é a agricultura.

Irundiara: já nos referimos a esta localidade. Podemos ver melhor a influência das rodovias quando lançamos os olhos para o croquis topográfico. Nasceu certamente devido ao entroncamento rodoviário, daí a sua forma sub-triangular.

Jacaraci: cidade situada no fundo de um boqueirão subsequente, no alinhamento do qual se desenvolveu a cidade. Esta cidade devido às rochas arenosas do seu solo, tem suas construções bastante prejudicadas, pois o barro não tem muita "pega" e por isso são continuamente refeitas — parecem "castelos de areia". Entretanto tem atualmente passado por uma fase de melhoramentos já se encontrando edifícios bastante modernos. A estrada de ferro passa cerca de 4 léguas mas está ligada a ela por uma boa estrada de rodagem. Possui duas praças, sendo uma delas ajardinada. O vale onde está situada é encaixado por duas serras do tipo *Hog-back*.

Se acompanharmos o curso dos rios desta zona, verificaremos que na sua quase totalidade as localidades estão situadas sobre terraços isolados por socalcos ou semi-isolados. Um belo exemplo é Carneirinhos, fazenda com 4 casas situada sobre um terraço isolado ainda com o lago em crescente. E' semelhante em tudo a Paiol. Outras vezes estão sobre terraços, mas sempre fora do alcance das águas a uns 6 ou 8 metros acima do talvegue.

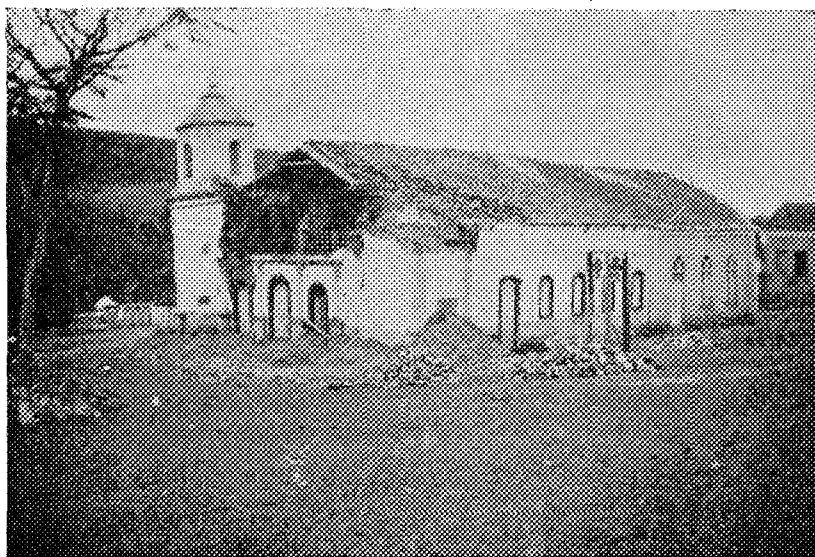


Fig. 63 — Igreja de Jacaraci, com a torre bastante inclinada lembrando a famosa torre de Pisa. As chuvas de 1945 a ameaçaram de desmoronamento devido à falta de coerência de sua argila. Agora está reconstruída.

(Fot. A. DOMINGUES)

Lançando-se um último olhar nesta zona vemos que o homem se fixou nas margens de pequenos riachos que favoreciam a agricultura, ou então nas margens de lagoas no curso dos rios povoando os terraços fora do alcance das enchentes nas partes baixas. Entretanto a seca assola esta zona na parte baixa principalmente ao norte e obrigou o homem a construir aquêles reservatórios. E' em suma o mesmo problema que encontramos na zona dos contrafortes.

Sumário geomorfogênico

Não podemos ter a pretensão de fazer a geomorfologia da região, pois não dispomos de elementos; entretanto, para evitar que o trabalho ficasse falho por falta desta parte, apresentamos um sumário.

A paisagem orográfica que descrevemos é uma consequência da estrutura das rochas que sofreram a ação dos agentes do intemperismo.

Examinaremos dois cortes para estudar o caso.

Os cortes que apresentamos são hipotéticos, pois não dispomos das cartas topográficas cujo desenho está em andamento; os elementos estruturais das camadas aproximam-se entretanto do real.

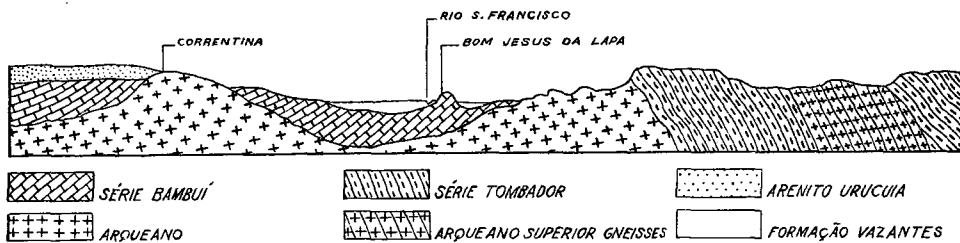


Fig. 64 — Corte geológico ao norte da zona estudada na direção oeste-leste.

A oeste temos as camadas do arenito Urucuia e a que já nos referimos — na primeira zona, sobrepostas a camadas sub-horizontais do calcáreo e quartzitos silurianos, (registados num trabalho anterior); outras vêzes sobrepõem-se a rochas granitizadas, como nos arredores de Correntina, no rio Formoso, etc.

Depois, encontramos calcáreos quase horizontais, já nos arredores de Santa Maria. Penetra-se a seguir na formação recente das vazantes de onde emerge, como uma pequena apófise calcárea, o morro da Lapa que mostra a natureza rochosa do substrato. Para leste continuamos na planura das vazantes, até encontrarmos as rochas gnáissicas do maciço da parte norte da zona dos contrafortes. Continuando observamos uma parte mais elevada que domina as outras é a serra do Espinhaço, composta de quartzito bastante resistente com suas camadas inclinadas para leste. Finalmente o quartzito cede lugar a filitos, encontrando-se zonas correspondentes mais baixas, os vales, surgem dos quartzitos que constituem os divisores dos vales e finalmente rochas de complexo cristalino na parte da depressão, que vai morrer em outra serra elevada pertencente também ao Espinhaço. (Sincorá).

Aquelas camadas inclinadas para leste é que dão às serras componentes do maciço do Espinhaço o aspecto de *Hog-back*.

Para o sul, temos a seguinte sucessão, um corte oeste-leste:

Deixando-se o siluriano, alcança-se uma faixa arqueana que corresponde às rochas do complexo cristalino de São João, localidade situada ao sul de São Domingos, cidade goiana. Continuando para leste, alcançamos outra vez rochas silurianas e finalmente a escarpa do chapadão constituído de um arenito bastante resistente: o arenito Urucuia com suas camadas quase horizontais; para leste encontramos novamente calcáreo próximo a Água Suja e, finalmente, uma elevação, a serra do Ramalho com seus calcáreos quase horizontais. É interessante o calcáreo de Rio Alegre pela sua coloração roxa. Descendo-se a serra do Ramalho, caímos numa formação de rochas argilosas — é a série das Vazantes que forma o *substractum* de uma depressão muito plana atravessada pelo rio São Francisco, responsável pela sua gênese. Na

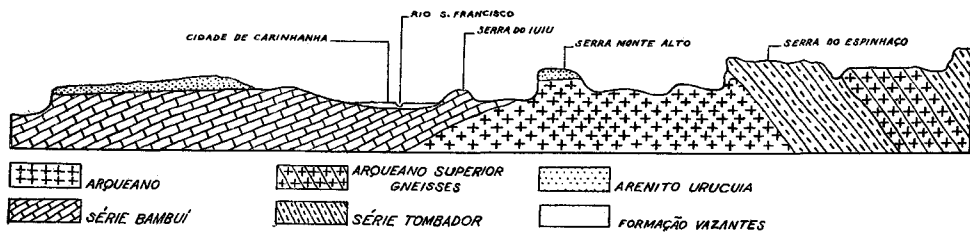


Fig. 65 — Corte geológico ao sul da região estudada segundo a direção oeste-leste.

outra margem depois de umas 2 léguas e meia de planura, encontramos a serra de Iuiu, serra calcárea da série São Francisco; depois, continuando para leste, alcançamos outra vez a planura da série das Vazantes que é interrompida pela serra de Monte Alto, serra constituída de granito sotoposto a arenitos semelhantes ao arenito Urucuia. Agora a leste surge uma outra planura semeada de afloramentos do cristalino, surgindo de quando em quando maiores elevações.

Mais para o nascente, encontramos uma outra forma de relêvo que domina as anteriores do corte, é a serra do Espinhaço, que aí se denomina serra das Ametistas; as suas rochas diferem das outras do corte; são quartzitos bastante resistentes que cedem lugar a quartzitos ferruginosos e finalmente as rochas do complexo cristalino que formam a parte depressional.

Do exame dos 2 cortes apresentados concluímos que a grande depressão onde se depositou a série das Vazantes, é obra da ação erosiva do rio São Francisco em um ciclo de intensa atividade erosiva. Finalmente interrompeu-se essa erosão e depositaram-se as argilas como até hoje ainda se depositam em certos pontos. Tem por isso aí nesta região o rio São Francisco um caráter de rio senil, parecendo um rio de baixada; a sedimentação é enorme. Formam-se meandros, que são abandonados deixando os lagos em crescente. As ilhas são criadas e finalmente destruídas. Em outros lugares formam-se as coroas que são pouco a

pouco fixadas pela vegetação. Devido às condições climáticas persistem os cerrós calcáreos com os seus lapies e cársticos; são os testemunhos de antigos níveis hoje bastante trabalhados pela erosão como os morros da Lapa, a serra de Iuiu e a serra do Ramalho. Outras formas resistiram devido a um capeamento de rochas resistentes como a serra de Monte Alto, testemunho do antigo nível do chapadão da margem esquerda. Para oeste, as rochas resistentes ainda conservam os vestígios de antigos níveis entretanto bastante rebaixados.

Para leste, porém, ergue-se uma muralha montanhosa, a serra do Espinhaço que pode sugerir pelo seu alinhamento das fraldas no sentido norte-sul, uma falha. Lembra também em seu todo, sinclinais encaixados em cunho no cristalino; entretanto não se pode afirmar

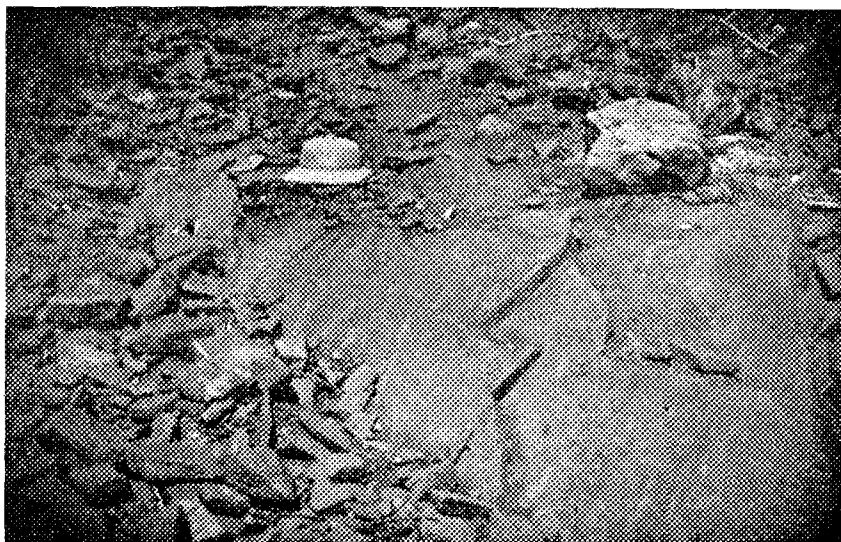


Fig. 66 — Quartzitos bastante ferruginosos inclinados para leste, na localidade Brasil, próximo a Caitité.

(Fot. A. DOMINGUES)

nada de positivo, pois nos faltam elementos. Os quartzitos são responsáveis pela conservação desse relevo, pois formam o *substractum* da parte superior.

Ao norte, encontramos a oeste da serra do Espinhaço, uma sucessão de serras alinhadas constituídas de um gnaisse a biotita, finalmente a serra quartzítica de idade algonquiana com lombadas paralelas lembrando por vezes *Hog-back*. Cortando a parte norte da serra do Espinhaço encontramos vales que se aprofundam muito (os dos afluentes do Santo Onofre), quando encontram rochas mais tenras, temos então o esfacelamento desta serra.

A direção das camadas constituintes da serra do Espinhaço deu como resultado uma rede hidrográfica conseqüente no sul, enquanto ao norte alguns rios conseqüentes se juntaram em um vale sub-

seqüente formando o Santo Onofre. Isso explica a dessimetria da direção do rio Santo Onofre e os outros que correm para o rio de Contas. Na bacia do rio de Contas predominam, pois, os rios conseqüentes e vemos vários afluentes cortando cristas paralelas.

Mais tarde em outro relatório procuraremos completar estas idéias e poderemos então melhor estudar a geomorfologia da região, pois, no momento, o mapa topográfico não está pronto para podermos tirar várias e interessantes conclusões. Os croquis foram obtidos da nossa caderneta de campo.

Conclusão

Finalizando, temos uma região em que podemos distinguir várias paisagens diferentes. Primeiro a chapada cortada por rios paralelos, depois um outro gênero de terrenos planos no conjunto, mas cheios de grutas e depressões; os riachos desaparecem e surgem novamente. Temos o calcáreo com a evolução do cárstico. A seguir temos a depressão central onde está o vale de São Francisco. E' uma região bastante sêca não havendo rios perenes, salvo o rio Corrente e o Carinhanha. Prosseguindo nossa visão ligeira, temos uma continuação da baixada mas agora cheia de pequenas elevações, que constituem os contrafortes do Espinhaço. E' também uma região bastante sêca devido aos alísios sêcos que sopram de leste. Passamos agora ao Espinhaço, alto maciço que constitui o divisor de águas — São Francisco-rio de Contas. Temos finalmente a depressão entre êste maciço e o das Almas onde também se fazem sentir os efeitos dos ventos secos.

O grande problema do homem nesta região, como se pode verificar, é a falta d'água que assola as 3 zonas. A solução dêste problema seria certamente a construção de açudes com bastante capacidade.

Outro problema que é geral na região, é o dos transportes. Faltam meios de transporte e vias de comunicação. Urge construir inúmeras estradas e nelas fazer circular caminhões que transportem os produtos da região para os portos ou estações da estrada de ferro que breve estará concluída. Nos rios urge aumentar o número de vapores fazendo o serviço entre Melancias e Juazeiro, entre Sítio do Mato e Pirapora, bem como para descer o rio Corrente. Assim a região entrará numa fase de intenso progresso, pois a navegação beneficia unicamente os portos extremos e a região ribeirinha intermediária não consegue escoar seus produtos.

RÉSUMÉ

L'auteur, Monsieur le Professeur ALFREDO JOSÉ PÓRTO DOMINGUES, fait une délimitation de la région étudiée et la divise en quatre zones: "Grand Plateau", "Région de la Côte", "Les Contreforts" et la "Serra do Espinhaço", les caractéristiques physiques et humaines étant mentionnées pour chacune d'elles. Le "Grand Plateau" situé à l'ouest de la rivière São Francisco, présente un aspect tabulaire avec une légère inclinaison. Le plateau qui est constitué par des arénites est un trait caractéristique de cette zone. L'auteur fait, ensuite, des considérations sur l'hydrographie de la région qu'il trouve être bien ramifiée et en certains points elle s'adapte bien aux diaclases. La végétation plus ou moins uniforme est constituée par le "campo cerrado" (champs avec buissons). Des observations sur les quelques ressources économiques fournies par la "chapada" (plateau) ou par le système de transports et quelques centres plus importants comme celui de Santa Maria da Vitória sont faites par l'auteur.

À l'est de cette zone se trouve la "Région de la côte" drainée par le rio São Francisco et ses affluents comme le rio Carinhanha et le rio Corrente. L'alimentation souffre une modification pour la rive droite, parce que les affluents de cette rive sèchent complètement pendant la saison sèche. L'auteur met en évidence l'étude qu'il a faite de la ville de Carinhanha au Sud et de Bom Jesus da Lapa au Nord dans lequel il s'occupe principalement des moyens de transport entre ces villes et les autres régions et des genres de vie qui prédominent dans les "fazendas" situées le long de la rivière.

La "Zone des contreforts" présente quelques ressemblances avec les deux premières, exception faite de la partie centrale où s'élèvent des montagnes de formes très variées. On y observe un grand nombre de lagunes en vertu de la présence de roches granitiques. Ces lagunes ont contribué à rendre la population éparse, étant donné que les "fazendas" se sont fixées autour de sesseaux. La principale activité économique est constituée par l'élevage, l'agriculture paraît avoir été très importante autrefois. Quant à la distribution de la population, l'auteur dit qu'elle est d'autant plus grande que le pays est montagneux, cela en vertu de la forte évaporation, d'où l'existence d'un plus grand nombre de sources.

Cependant, le "Riacho de Santana" fait une exception parce que ses montagnes sont exposées aux vents secs. L'auteur étudie ensuite la situation et le développement des villes de Monte-Alto, Itaguaçu, Guanambi, Urandi, Ceraima, Pajeú-dos-Ventos et Riacho de Santana.

L'auteur étudie, finalement, la "Zone de la Serra do Espinhaço" qui s'étend dans la direction Nord-Sud, en forme presque rectiligne et qui constitue le *divortium aquarum* entre les eaux qui descendent vers le rio São Francisco et le rio de Contas. Après avoir fait l'étude de la végétation, l'auteur examine la situation de l'agriculture, de l'exploitation minière et des moyens de transport. Ensuite, l'auteur présente une étude de la fonction de chaque centre et de la corrélation existante entre eux: Caitité (centre culturel de la région), Caldeira, Lagoa Clara, Lagoa Real, Santa Luzia, Brejinho das Ametistas, Ibiacucê, Rio do Antônio, Caculé, Paiol, Irundiara e Jacaraci.

En concluant, l'auteur fait une étude géomorphologique de la région en présentant deux coupes géologiques qui permettent de faire une synthèse très claire des diverses zones étudiées.

RESUMEN

El autor, Prof. ALFREDO JOSÉ PÓRTO DOMINGUES, delimita la región en estudio y presenta cuatro zonas: "Gran Planalto" (*Grande Chapada*), "Zona del Declive" (Zona da Encosta), "Contrafuerte" (*contraforte*) y "Sierra del Espinazo" (Serra do Espinhaço) estudiando cada una de ellas desde el punto de vista físico y humano. El Gran Planalto al oeste del río San Francisco es una zona de relieve tabular con inclinación suave y aspecto de mesa. La llanura de Arenisca es el trazo característico de esta zona. Después el autor pasa a hacer consideraciones a respecto de la hidrografía, refiriéndose al hecho de ser la red hidrográfica bien ramificada, corriendo, en ciertos trechos, adaptada a un sistema de diaclases. La flora más o menos uniforme está representada por el matorral espeso. En seguida, el autor comienza a preocuparse con los pocos recursos económicos suministrados por el planalto, su sistema de transporte, y uno que otro centro más importante, como Santa Maria da Victoria.

Al Oriente de esta zona, comienza a estudiar la "Zona del Declive" drenada por el San Francisco y sus afluentes como el Carinhanha y el Corrente. La alimentación varía de acuerdo con el afluente que se considere ya que los que corren por la margen derecha fluyen ("*cortam*") en las épocas de sequía. El autor pone en destaque el estudio que hizo del Carinhanha en el Sur y de Bom Jesus da Lapa en el Norte, tratando, además, de las facilidades de los medios de transporte en relación con las otras zonas y del género de vida de las haciendas situadas en las márgenes de los ríos.

La "Zona del contrafuerte" presenta alguna semejanza con las anteriores, aunque la parte central está llena de elevaciones de formas variadas. En esta zona se encuentran innumerables lagunas en virtud de la impermeabilidad ofrecida por las rocas graníticas. Estas lagunas contribuyen para la dispersión de la población en haciendas que las aprovechan. Respecto a la actividad económica preponderante es la ganadería, pareciendo que antiguamente fué la agricultura. En cuanto a la distribución de la población dice el autor que, cuanto más montañoso el municipio, más densamente poblado en virtud de que, por ser en ellas más fuerte la evaporación, se encuentra mayor número de fuentes. Riacho de Santana es una excepción a esta regla pues sus montañas tienen la misma orientación de los vientos secos. Después, el autor trata de la localización, desarrollo y función de las ciudades de Monte-Alto, Itaguaçu, Guanambi, Urandi, Ceraima, Pajeú-dos-Ventos y Riacho de Santana.

Finalmente, entra a estudiar la "Zona del Espinazo" que se extiende de Norte a Sur, aproximadamente rectilínea, siendo el *divortium aquarum* entre las aguas que drenan para los afluentes del San Francisco y las que corren para los afluentes del río de Contas. Después de estudiar la vegetación trata de la agricultura, de la explotación mineral y de los medios de transporte; y, para terminar, de la localización, función y correlación de los principales centros: Caitité (centro cultural de la zona), Caldeira, Lagoa Clara, Lagoa Real, Santa Luzia, Brejinho das Ametistas, Ibiaguê, Rio do Antônio, Caculé, Paiol, Irundiara e Jacaraci.

Coronando su trabajo, el autor hace un estudio geomorfológico de dos cortes de relieve mostrando en síntesis los aspectos físicos de las diversas zonas estudiadas.

RIASSUNTO

L'autore, Prof. ALFREDO JOSÉ PÔRTO DOMINGUES, delimita la regione studiata, dividendola in quattro zone — "Grande Tavolato", "Zona Declive", "Contraforte", e "Catena dell'Espinhaço" —, delle quali egli delinea i caratteri fisici e demografici.

Il "Grande Tavolato", ad Ovest del fiume São Francisco, è un altopiano leggermente inclinato, caratterizzato da piani di arenaria. La sua rete idrografica è riccamente ramificata; in certi tratti il corso di essa si adatta ad un sistema di diaciasi. La flora, abbastanza uniforme, è costituita da macchie. Sono poche le risorse economiche, scarsi i mezzi di comunicazione e di trasporto; il centro più importante è Santa Maria da Vitória.

Ad Est della precedente si trova la "Zona Declive", le cui acque si versano nel fiume São Francisco e nei suoi affluenti, come il Carinhanha e il Corrente. Gli affluenti di destra si asciugano nei periodi di siccità. Tra i centri abatati, l'autore ricorda Carinhanha nel settore Sud e Bom Jesus da Lapa nel settore Nord; accenna alla maggiore facilità di comunicazioni di cui gode questa zona, e descrive la vita nelle aziende agrarie rivierasche.

La "Zona del Contraforte" in parte ha caratteri simili a quelli delle due precedenti, ma nel settore centrale è ricca di alture di vario aspetto. L'impermeabilità delle rocce granitiche ha determinato la formazione di numerosi laghi, la cui presenza contribuisce a mantenere sparsa la popolazione. L'attività economica prevalente fu, in altri tempi, quella agricola, ma ora è quella pastorale. Intorno alla distribuzione della popolazione, l'autore osserva che quanto più montuoso è il terreno, tanto maggiore è la densità degli abitanti, trattandosi di una zona di forte evaporazione, dove la maggior frequenza di sorgenti si ha appunto nel settore montano. Il centro di Riacho de Santana rappresenta un'eccezione a codesta regola, poichè i suoi monti sono orientati nella direzione dei venti asciutti. L'autore accenna anche alla posizione, allo sviluppo ed ai caratteri dei centri di Monte Alto, Itaguaçu, Guanambi, Urandi, Ceraima e Pajeú dos Ventos.

La zona della "Catena dell'Espinhaço" si stende in direzione Nord-Sud, con andamento quasi rettilineo, segnando lo spartiacque tra i bacini del São Francisco e del Rio de Contas. L'autore descrive la flora, l'agricoltura, la posizione ed i caratteri dei principali centri: Caitité (centro culturale di tutta la zona), Caldeira, Lagoa Clara, Lagoa Real, Santa Luzia, Brejinho das Ametistas, Ibiaguê, Rio do Antônio, Caculé, Paiol, Irundiara e Jacaraci.

Lo studio geomorfológico di due sezioni del rilievo, che mostra in forma sintetica gli aspetti fisici delle varie zone, completa il lavoro.

SUMMARY

Professor ALFREDO JOSÉ PÔRTO DOMINGUES fixes the region that he presents and studies into four zones: "Grande Chapada" (Great Mesaland), "Zona da Encosta" (Foothill Zone), "Contraforte" (Escarpement), and the "Serra de Espinhaço" (Espinhaço Range). The zones are studied from the physical and human points of view.

The "Grande Chapada" to the west of the São Francisco River is a tabular land with a slight inclination that gives it the table-like appearance. The sandy mesa is the characteristic feature of this zone. The author then considers hydrography stating the fact that the hydrographic network is well divided and that in certain parts they follow a diaclastic pattern. Plant life is very thick and almost uniform throughout the region. After that, the author begins to deal with the sparse economic resources of the table-land, the transport system, and some of the important centers, such as, Santa Maria da Vitória.

Next, he begins to study the zone to the east which is the "Zona da Encosta". This area is drained by the São Francisco and its tributaries, such as, the Carinhanha and the Corrente. He verified the fact that various types of crops are grown along the tributaries because those that run along the right bank are "cut" in the dry periods.

The author then brings up the study that he made south from Carinhanha and north from Bom Jesus de Lapa, emphasizing the transportation in this region compared to the others and also the type of life that is led on the farms on the riverbanks.

The "Zona do Contraforte" has a similar appearance to the other two zones, however, the central part is of various-shaped elevations. In this zone, there are a great number of lakes due to the impermeability of the granite rocks. The farms, spotted here and there, are located so as

to take advantage of these lakes. While the far most important economic item here today is livestock, agriculture was practiced at one time. Besides a greater distribution of population, the author says that the cities here are much more mountainous and more densely populated because this zone has fast evaporation. The greatest number of springs also exist here. Santana stream is an exception to other areas in this zone as its mountains have the same dry winds. The author then deals with the location, development and function of the cities of Monte-Alto, Itaguaçu, Guanambi, Urandi, Ceraíma, Pajeú-dos-Ventos and Riacho-de-Santana.

Lastly, the study of the "Zona do Espinhaço" is taken up. The zone runs north and south in almost a straight line, and is the *divortium aquarum* between the waters that drain into the tributaries of the São Francisco and those that enter the tributaries of the Contas river. After studying the vegetation, he treats of the agriculture, mineral exploration and the methods of transportation of the region. And, finally, the location, function and correlation of the chief centers: — Caitité (the agricultural center of the zone), Caldeira, Lagoa Clara, Lagoa Real, Santa Luzia, Brejinho-das-Ametistas, Ibiacucê, Rio do Antônio, Caculé, Paiol, Irundiara and Jacaraci

As a completion for his work, the author makes a geomorphological study with two relief cuts, showing the physical aspects of the various zones of which he had written.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser, Prof. ALFREDO JOSÉ DOMINGUES begrenzt in dieser Abhandlung die zu studierende Gegend und erwähnt vier Zonen: "Die grosse Hochebene", die "Zone der Gebirge", die "Gegenforts" und die "Serra do Espinhaço", wobei er jede vom physischen und menschlichen Gesichtspunkt aus untersucht." Die "grosse Hochebene" im Osten des Flusses S. Francisco ist eine Zone von tabulären Erhöhungen mit leichten Absenkungen, die ihr das Gesicht eines Tisches gibt. Arenit ist der charakteristischste Befund dieser Gegend. Dann macht der Verfasser Untersuchungen über die Flüsse und erwähnt dass das Wassersetz recht verzweigt ist und in einigen Teilen an einem dioclasischen System teilnimmt. Die Flora ist ungefähr der der Ebene ähnlich. Dann beschäftigt der Verfasser sich mit den geringen wirtschaftlichen Hilfsquellen dieser Gegend, wie auch mit dem ungenügenden Verkehrsmittel, auch erwähnt er einige der wichtigsten Punkte wie z. B. Santa Maria da Vitoria.

Im westen dieser Gegend beginnt er die Gegend der "Gebirge" zu studieren. Dieselben sind durch den S. Francisco fluss wie seine Nebenflüsse Carinhanha e Corrente durchkreuzt. Man kann eine Verschiedenheit der Ernährung feststellen, durch die Trockenheit der rechten Flussseite bedingt. Dann wird in diesem Abschnitt noch erwähnt, wie die Verkehrsmöglichkeiten sind, viel besser als in den übrigen Zonen.

Die "Zone der Kontraforte" bietet einen ähnlichen Anblick wie die vorigen, der mittlere Teil ist voller Erhöhungen von verschiedenen Formen. In dieser Zone sind viele Seen, durch die Felsen und Granite verursacht. Diese Wassermenge verursachen eine Verteilung der Bevölkerung. Die Viehzucht ist die wichtigste Quelle der Wirtschaft, die Landbebauung ist zurückgegangen. Je gebirgiger die Gegend ist, so stellt der Verfasser fest, desto mehr Einwohner hat sie, d. h. die Wassermengen dort häufiger sind. Riacho de Santana ist eine Ausnahme dieser Regel, die durch die trockene Winde begründet ist. Dann erwähnt der Verfasser die Entwicklung der Städte Monte-Alto, Itaguaçu, Guanambi, Urandi, Ceraíma, Pajeúdos Ventos und Riacho de Santana.

Zum Schluss erwähnt er die Gegend des Espinhaço, welche sich in der Richtung von Norden nach Süden in einer beinahe geraden Linie hinzieht, sie die *Wasserscheide*, zwischen den Gewässern die in die Nebenflüsse des S. Francisco fließen, und denen die zu den Nebenflüssen des Rio de Contas hinströmen. Nachdem er die Vegetation erwähnt, behandelt er die Landwirtschaft, die Mineralien und ihre Förderungen wie auch die Transportmöglichkeiten. Zum Schluss erwähnt er die wichtigsten Niederlassungen, ihre Lage, Funktion und wie dieselben sich untereinander verhalten: Caitité (das kulturelle Zentrum) der Gegend, Caldeira, Lagoa Clara, Lagoa Real, Santa Luzia, Brejinho-das-Ametistas, Ibiacucê, Rio do Antonio, Caculé, Paiol, Irundiara und Jacaraci.

Als Abschluss seiner Arbeit gibt der Verfasser noch ein kurzes Studium der Geomorphologie der beiden Schnitte der Hochebenen; er zeigt in Synthese das physische Gesicht der verschiedenen erwähnten Zonen.

RESUMO

La aŭtoro, P-ro ALFREDO JOSÉ PÓRTO DOMINGUES, limdifinas la studatan regionon kaj prezentas 4 partojn: *Grande Chapada* (Granda Altplataĵo), *Zona da Encosta* (Deklivparto), *Contraforte* (Flanka Montaro) kaj *Serra do Espinhaço* (Dorsmontaro): ĉiu el ili estas studata el la fizika kaj homa vidpunktoj. *Grande Chapada*, okcidente de rivero São Francisco, estas regiono kun tabula reliefo kaj malintensa dekliveco, kio donas al ĝi tablan aspekton. La grejsa altplataĵo estas la karakteriza trajto de tiu regiono. Poste la aŭtoro ekfaras konsideron pri la hidrografio, traktante pri tio ke la hidrografia reto estas multe disdividita kaj en certaj spacoj fluas adaptita al sistemo de diaklasoj. La kreskajaro estas pli malpli unuforma, kaj konsistiganta el la densa kampo. Tuj poste, la aŭtoro okupiĝas pri la malgrandaj ekonomiaj rimedoj liverataj de la altplataĵo, pri la transportsistemo, kaj pri iu pli grava centro, kiel ekzemple Santa Maria da Vitória.

Oriente de tiu parto li studas *Zona de Encosta*, drenitan de São Francisco kaj ĝiaj alfluantoj kiel Carinhanha kaj Correntes. Oni konstatas diversecon de nutrado ĉe la alfluantoj, ĉar tiuj kiuj fluas ĉe la dekstra bordo sekigas dum la periodo de senpluveco. La aŭtoro reliefigas la studon, kiun li faris pri Carinhanha, sude, kaj pri Bom Jesus da Lapa, norde, kaj traktas ankaŭ pri la facilecoj de la transportiloj kompare kun la ceteraj partoj, kaj pri la vivmaniero en la bienoj ĉe la bordoj de la riveroj.

Zona do Contraforte prezentas kelkan similecon kun la antaŭe diritaj, sed la centra parto estas plena je altaĵoj kun variaj formoj. En tiu parto ni havas grandan nombron da lagetoj pro la netraakvigebleco de la granitaj rokoj. Tiuj lagetoj kunefikas al la disirigo de la loĝantaro en bienojn, kiuj ilin profitas. La ĉefa ekonomia aktiveco estas la kulturo de bova brutaro, sed ŝajnas ke iam estis la kampkulturo. Pri la distribuado de la loĝantaro, la aŭtoro diras ke ju pli montplena estas la komunumo des pli dense loĝatigata ĝi estas, tial ke tiu parto prezentas fortan elvaporigo kaj en tiuj lokoj ekzistas pli granda nombro da fontoj. Riacho de Santana estas escepto al tiu regulo, ĉar ĝiaj montoj havas la saman orientigon kiel la sekaj ventoj. Poste la aŭtoro traktas pri la loko, kreskado kaj funkcio de la urboj Monte Alto, Itaguaçu, Guanambi, Urandi, Cerailma, Pajeú dos Ventos kaj Riacho de Santana.

Kaj fine li penetras en la studon pri la regiono de Espinhalo, kiu etendiĝas laŭ la nord-suda direkto kun proksimume rektilinia formo, kaj estas *divortium aquarum* inter la akvoj, kiuj versigas al la alfluantoj de São Francisco, kaj tiuj, kiuj fluas al la alfluantoj de rivero Contas. Post studado pri la vegetaĵaro li ekstraktas pri la kampkulturo, la minerala ekspluatado kaj la transportiloj. Kaj kiel fina parto li pritraktas la lokon, funkcion kaj interrespondecon de la ĉefaj centroj: Caitité (kultura centro de la regiono), Caldeira, Lagoa Clara, Lagoa Real, Santa Luzia, Brejinho das Ametistas, Ibiacucê, Rio do Antônio, Caculé, Paiol, Irundiara kaj Jacaraçá.

Laste la aŭtoro faras geomorfologian studon pri du reliefranĉaĵoj, montrante sinteze la fizikajn aspektojn de la diversaj studitaj landpartoj.